



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA DA
AMAZÔNIA - PPGCSPA
MESTRADO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA DA AMAZÔNIA

GLÁUCIA MAYRA DA SILVA LEAL

A gente reza quando vai batizar o boi: A resistência do Boi de Pindaré

São Luís
2025

GLÁUCIA MAYRA DA SILVA LEAL

A gente reza quando vai batizar o boi: A resistência do Boi de Pindaré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção de título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Prof.^a Dr.^a Cynthia Carvalho Martins
(Orientadora)

São Luís
2025

Ficha catalográfica da dissertação: **“A gente reza quando vai batizar o boi: a resistência do Boi de Pindaré.”**

Leal, Gláucia Mayra da Silva.

A gente reza quando vai batizar o boi: a resistência do Boi de Pindaré. – São Luís, 2025.

103 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Carvalho Martins.

1. Boi de Pindaré. 2. Resistência. 3. Tradição. 4. Atos de Estado. I.Título.

CDU: 316.35:394.2(812.1)

Elaborado por Synara de Azevedo Ferreira – Bibliotecária – CRB 13/932

GLÁUCIA MAYRA DA SILVA LEAL

A gente reza quando vai batizar o bol: A resistência do Bol de Pindaré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção de título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Aprovada em: 15/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br CYNTHIA CARVALHO MARTINS
Data: 15/12/2025 08:52:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cynthia Carvalho Martins (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof.^a Dr.^a Arydimar Vasconcelos Gaioso
Universidade Estadual do Maranhão- UEMA

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCOS ALAN COSTA FARIAS
Data: 15/12/2025 12:52:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alan Costa Farias
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória acadêmica não foi algo fácil para mim, nem mesmo para entender o meu tempo, meu processo, meu desenvolvimento enquanto estudante ou acadêmica. Minha sensação de impotência, muitas vezes me impossibilitou de acreditar que seria possível, mas é hora de acreditar e agradecer àqueles que acreditaram em mim, me apoiaram e fazem parte desse processo.

À minha família.

Especialmente à minha mãe Ângela Cláudia Pereira da Silva, que, mesmo com dificuldades, não demonstrou fraqueza, me deu possibilidades para que eu pudesse viver e estudar nessa fase da minha vida acadêmica, pelos cuidados com o meu amado filho Sáliu Carlos Leal Mansaray, por quem vale à pena a luta e continuarei lutando para lhe dar melhores condições no futuro.

Ao meu pai Carlindo Borges Leal por sempre investir na minha educação e, no meio de sua rigidez, me cobrar resultados, e acreditar que esse sonho seria possível.

À minha irmã, Naiara Leal, que me apoiou, me ajudou e me cobrou esforço e dedicação nas horas em que eu quis fraquejar, mas sempre acreditou em mim e me encorajou a continuar.

Ao meu irmão, Hellyson Maycon, por cuidar de mim e do meu filho, pelas broncas, por suas orações e por todo apoio concedido.

A Railson Barroso por me apoiar, acreditar no meu potencial, ser paciente e compreensivo comigo me dando forças quando eu não acreditava mais em mim mesma.

Aos amigos Paulo Gustavo, Sonaly Leal e Samura Pinto (*in memoriam*), com quem compartilhei as angústias da vida acadêmica e profissional. E principalmente a Daniel Silva, com quem dividi produções acadêmicas, troquei informações e realizei reuniões de estudo, além de me ouvir, me aconselhar e orientar em alguns momentos.

Aos meus colegas do mestrado, da turma 2023 do Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGSPA da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com quem dividi dificuldades e troquei algumas experiências de pesquisa.

Entre os colegas do PPGCSPA gostaria de agradecer especialmente a Rosana Babula, por ter lido e apontado dicas para melhorar o meu trabalho, apontando erros que haviam passado despercebidos, a Lourdimar Silva e Marília Martins com quem dividi as angústias e frustrações da pós-graduação, e também alegrias e conhecimentos como na XV RAM, em Salvador-BA.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cynthia Carvalho Martins, por suas orientações enquanto intelectual e conhecedora da antropologia, por sua leveza, paciência, compreensão e respeito com o meu processo, acreditando em mim quando eu estava desamparada em meio às dificuldades da vida acadêmica, me orientando e ajudando a ressignificar aquilo que eu achava conhecer.

Agradeço aos demais professores do PPGCSPA por me darem condições de analisar algumas questões inerentes a esse trabalho dissertativo, em especial, Profa. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin e Profa. Dra. Patrícia Maria Portela Nunes que ministraram a disciplina de Metodologia da Pesquisa no curso de mestrado, onde senti que minha pesquisa deu “uma virada”, com as contribuições ímpares das professoras e dos colegas.

Ao Museu da Memória Audiovisual do Maranhão (MAVAM), em especial aos fotógrafos Cinaldo e Johan, que me disponibilizaram imagens do Boi de Pindaré que fazem parte do acervo do museu, enriquecendo ainda mais o meu trabalho.

A Américo Azevedo Neto, por ter me concedido uma entrevista sobre a importância da resistência do Boi de Pindaré, enquanto boi tradicional e por explicitar a diferença entre os grupos de bumba-meu-boi.

À Fabiana Batista, comunicadora e fotógrafa, por ter conversado comigo sobre seu foto livro intitulado *As cores da festa*, em que apresenta vários aspectos do Boi de Pindaré através de imagens, além de me dar dicas de como melhorar o meu trabalho, como me inserir no campo e romper com a minha timidez e introspecção.

À Carolina Martins, pesquisadora e brincante do Boi de Pindaré, que na condição de historiadora, me deu várias indicações de referência bibliográfica para entender alguns conceitos inerentes à minha pesquisa, me ajudando a me desprender de ideias cristalizadas.

Agradeço, principalmente, a todos os brincantes que fazem a história do Boi de Pindaré.

Especialmente à dona Benedita Aroucha, conhecida como dona Bitá, presidente do Boi, que sempre me recebeu na sede com toda atenção, simpatia, cordialidade e empatia comigo e com meu trabalho, mesmo estando sempre cheia de afazeres e responsabilidades, sempre se predispôs a me ajudar, mantemos contato via Whatsapp durante todo o ano e na sede durante o período junino de 2023, 2024 e 2025 onde conversamos, e mantemos uma boa relação.

Ao seu Hermínio Vitor Castro, o Mestre Castro, *amo* do Boi de Pindaré junto com seu João do Sá Viana, pelas informações concedidas em entrevistas, pela receptividade, disponibilidade e paciência comigo, além da simpatia e amizade.

À dona Marli, chefe do grupo de *baiantes* do Boi de Pindaré, responsável também pela costura e confecção das indumentárias, além de ser minha informante sobre algumas atividades do grupo; ao seu Francisco Aroucha, o seu Chico São Pedro, diretor do Boi que organiza e comanda o *cordão*, que sempre me recebia com muito entusiasmo. Ao seu Nato, chefe dos *batuqueiros*, por ensinamentos e concessão de informações no dia-a-dia com o grupo. A Pedro, chefe da *tribo de índios*, e a todos os brincantes do Boi como Raiane, Buguelo, seu Domingos (Jeba), seu Bigode (cantador) que me propiciaram essa pesquisa e a escrita dessa dissertação, uma vez que, costumo dizer que “eles me abraçaram”, me acolheram, concedendo não só informações como condições para que eu pudesse estar na sede.

As conversas, o acolhimento, a simpatia, as brincadeiras, as apresentações, os ensinamentos, os ensaios, os momentos de ritual e até os abraços ou simples cumprimentos, tudo isso importou para mim, possibilitando a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho busca analisar diferentes aspectos relacionados ao Boi de Pindaré, grupo de bumba-meu-boi, tais como as relações comunitárias; as formas de resistência e os atos de estado direcionados para a inserção dessa manifestação no mercado, através dos espetáculos. Analisamos os diferentes momentos rituais e as relações com os debates sobre a tradição, costumes e identidade. O trabalho busca ressignificar categorias e conceitos tanto teóricos quanto os utilizados pelos agentes sociais; além de analisar aspectos internos inerentes ao Boi como o sentimento de pertencimento, a ideia de comunidade, dessa forma, buscamos compreender como acontece a dinâmica do grupo. A metodologia utilizada para realização desse trabalho se baseia na pesquisa e leitura bibliográfica, além da pesquisa de campo com a realização de entrevistas, observação direta e produção de fotografias de elementos do Boi de Pindaré.

Palavras-chave: Boi de Pindaré; resistência; tradição; atos de Estado.

ABSTRACT

This study analyses different aspects of the Boi de Pindaré, a bumba-meu-boi group, such as community relations, forms of resistance, and state actions aimed at incorporating this cultural manifestation into the market through staged performances. It examines the group's ritual phases and their connections with debates on tradition, customs, and identity. The study seeks to reinterpret categories and concepts drawn both from theory and from the vocabulary used by social actors, and to investigate internal dimensions intrinsic to the Boi, such as the sense of belonging and the idea of community, in order to understand the group's internal dynamics. The methodology is based on bibliographical research as well as fieldwork, including interviews, direct observation, and photographic documentation of elements of the Boi de Pindaré.

Keywords: Boi de Pindaré; resistance; tradition; state actions.

LISTA DE SIGLAS

- FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão
- IEMA Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MinC - Ministério da Cultura
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- PIBIC - Programa de Iniciação Científica
- PPGCSPA - Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia
- TEA - Transtorno do Espectro Autista
- UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
	CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: inserção no tema e procedimentos de pesquisa	17
1.1	Da subjetividade da pesquisadora às condições de possibilidades para realização da pesquisa	17
1.2	O trabalho de campo: observações diretas e entrevistas	23
	CAPÍTULO 2 - O BOI DE PINDARÉ EM ANÁLISE	41
2.1	<i>Quando começou o boi, era tudo com promessa: o histórico do Boi de Pindaré</i>	41
2.2	<i>Vem passando de geração pra geração: a dinâmica do Boi de Pindaré</i>	44
2.3	<i>Os três tambores, eles formam o ritmo, o sotaque: a relevância do sotaque no Boi de Pindaré</i>	47
2.4	<i>Tu não vai, boi não tem: as trajetórias dos chamados amos</i>	51
	CAPÍTULO 3 - ATOS DE ESTADO E A RESISTÊNCIA NO BOI DE PINDARÉ	56
3.1	<i>Quem vai passar no crivo?: o Bumba-meu-boi e os Atos de Estado</i>	56
3.2	<i>A comunidade é a água e o capim do boi. O Calendário e as resistências</i>	69
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE A - CADERNO FOTOGRÁFICO.....	81

INTRODUÇÃO

*Lá vem meu boi urrando subindo o
vaquejador.*

*Lá vem meu boi urrando subindo o
vaquejador.*

*Deu um urro na porteira. Meu vaqueiro se
espantou. E o gado da fazenda com isso
se levantou.*

Urrou, urrou, urrou, urrou

*Meu novilho brasileiro que a natureza
criou*

Urrou, urrou, urrou, urrou

*Meu novilho brasileiro que a natureza
criou.*

Toada “Urrou do Boi”

Coxinho - Bumba-meu-boi de Pindaré

São Luís/MA

Começo esse trabalho de dissertação com o trecho da *toada* “Urrou do Boi”, de Bartolomeu dos Santos, o Coxinho, cantador do Boi de Pindaré, considerada pelo poder público como Hino do Folclore Maranhense, após a morte de Coxinho, ocorrida em 3 de abril do ano de 1991. A *toada* em questão, criada no ano de 1972, ainda é tocada e cantada na maioria, senão em todas as apresentações do Boi de Pindaré. Isto porque, mesmo que todos os anos os cantadores criem novas *toadas*, as antigas continuam sendo referência e são entoadas como forma de recordação e promoção de uma coesão social entre os denominados *brincantes* e o próprio público.

Início com essa citação para dizer que esse trabalho tem como objetivo analisar o Bumba-meu-boi de Pindaré, considerando as diferentes etapas do seu ciclo que inclui o batizado, ensaios, apresentações em arraiais e morte. A ideia é trabalhar a resistência dessa manifestação e as estratégias utilizadas para a manutenção do ritual. Incluiremos uma análise das relações de mercado para

demonstrar como essas relações estabelecidas no âmbito dos atos de estado, permitem a manutenção das relações comunitárias.

Portanto, essa pesquisa possui como referência teórica um debate sobre o Estado, e, em que medida o grupo de brincantes e representantes do Boi de Pindaré, resiste nas suas formas de apresentações e manutenção dos laços comunitários, apesar de sua inserção no mercado através das denominadas apresentações. Deste modo, ressaltamos logo de início que nosso objetivo não consiste em analisar o bumba-meu-boi somente como uma manifestação cultural, descrevendo aspectos que dê ao leitor uma ideia de todos os aspectos culturais, tais como a descrição de todos os personagens, a reprodução das indumentárias e a descrição dos rituais. Ao invés disso procuramos descrever as formas de resistência dessa manifestação e como mantém a dimensão comunitária. Ou seja, procuraremos descrever que o bumba-meu-boi é formado por pessoas reais, com laços de amizade e que tem nessa manifestação um elemento de resistência.

Voltando para a história do *amo* e cantador do Boi de Pindaré, Coxinho, destaco que sua cidade de nascimento é Vitória do Mearim e que ele pertenceu ao chamado Boi de Viana, conforme veremos posteriormente, juntamente com João Cância e Apolônio Melônio fez parte do grupo que deu origem ao Boi do Pindaré. O desligamento dos três cantadores do Boi de Viana ocorreu em função de uma desavença com o então *amo*, o senhor Zé Apolônio, em função de os três cantadores e outros companheiros terem atendido a um chamado de *pagamento de promessa* na cidade de Alcântara. A partir daí ocorreu uma dissidência que deu origem ao Boi de Pindaré em 1960, que completou 65 anos de existência neste ano, e mais tarde, em março de 1972, surgiu o Boi da Floresta, esse último sob o comando do mestre Apolônio Melônio, que permaneceu no Boi de Pindaré até o ano de fundação do seu próprio Boi.

A rápida descrição acima nos permite dizer que, quando se trata da trajetória de um grupo de bumba-meu-boi, há dissidências, modificações que vão ocorrendo ao longo do tempo e que, portanto, trata-se de uma tradição que está em constante transformação.

A categoria *toada* refere-se às cantigas criadas por cada um dos chamados cantadores do bumba-meu-boi e se constituem em referência para identificar essas manifestações. Todos os grupos de bumba-meu-boi criam a cada ano suas *toadas*, algumas delas com letras que remetem a uma certa exaltação da

manifestação e com elementos de exaltação do próprio boi, das belezas naturais e até com letras comparativas com outros bois, em tom de competitividade, essas *toadas*, por sua vez são chamadas de *toadas de pique*. Isto porque os bumbas-meu-boi, sobretudo do mesmo *sotaque*, competem entre si, para definir qual é o mais bonito e o mais tradicional.

O Boi de Pindaré é considerado pela mídia local e por seus brincantes como “tradicional”. Manter a tradição significa para eles se manterem o menos alterado possível, mantendo seu bailado, suas vestimentas, e fazendo suas danças de forma mais fiel possível ao comparado ao período do seu início, em 1960. Ocorre que, conforme veremos, a noção de tradição é contraditória, apresentando muitas possibilidades de significados. Trabalharemos essa questão no tópico três desta pesquisa, analisando as representações dos próprios representantes do bumba-meu-boi e correlacionando com as categorias oficiais e os próprios interesses relacionados à eleição do bumba-meu-boi como representação do Estado. Isto porque ao longo dos anos essa manifestação, antes considerada como representando algo sem valor e passível até de punição, passou a ser exaltada como fazendo parte da identidade regional do Maranhão.

Portanto, essa pesquisa possui como referência teórica um debate sobre o Estado, e, em que medida o grupo de brincantes e representantes do Boi de Pindaré, resiste nas suas formas de apresentações e manutenção dos laços comunitários, apesar de sua inserção no mercado através das denominadas apresentações.

Deste modo, ressaltamos logo de início que nosso objetivo não consiste em analisar o bumba-meu-boi somente como uma manifestação cultural, descrevendo aspectos que dê ao leitor uma ideia de todos os aspectos culturais, tais como a descrição de todos os personagens, a reprodução das indumentárias e a descrição dos rituais. Ao invés disso procuramos descrever as formas de resistência dessa manifestação e como mantém a dimensão comunitária. Ou seja, procuraremos descrever que o bumba-meu-boi é formado por pessoas reais, com laços de amizade e que tem nessa manifestação um elemento de resistência.

O que observamos ao longo desses quase quatro anos de observações diretas e de contato com as pessoas que compõem essa manifestação é que os agentes sociais se empenham para montar o boi como uma forma de reforçar os seus laços e a sua própria identidade. E aqui vale ressaltar a diferença entre a

identidade regional, ou seja, aquela relacionada à identidade do Estado do Maranhão, a identidade daqueles vinculados ao boi, com elementos vinculados à ideia de definição e autodefinição (Barth, 2000), como pertencentes ao Bumba-meu-boi.

Do ponto de vista da “identidade regional”, vale ressaltar que no ano de 2011 o Bumba-meu-boi passa a ser considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Posteriormente, é considerado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 2019. Essa patrimonialização alterou a relação dos grupos de bumba-meu-boi com o Estado, isto porque no período junino os bois são contratados para apresentar nos chamados arraiais. Essa contratação dos bois existia antes da concessão do título de patrimônio, mas sem dúvida, se intensificou após o ano de 2011.

Os atos de Estado passaram a se materializar nas ações daqueles responsáveis pela manifestação, que tiveram que montar associações, ou seja, se formalizar para assim conseguir uma inserção nas festividades do Estado, ocorridas no mês de junho e que a partir do ano de 2019 passaram a se estender até o mês de julho.

Destaco nessa introdução a complexidade em trabalhar com as categorias do próprio grupo e outras, vinculadas ao trabalho científico. Optei, como forma de respeitar a especificidade da manifestação em utilizar o *itálico* nas designações dos próprios agentes sociais do bumba-meu-boi. Desta maneira o leitor poderá observar que palavras como *toadas*, *brincantes*, *cordão*, *boiar*, *morte do boi*, *batizado*, *ensaios*, *sotaque* e outras, aparecem em *itálico*. O meu exercício será o de refletir e ressignificar essas e outras categorias, pois quando eu entrei para o Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA), em 2023, com a bagagem do bacharelado em Ciências Sociais; aprendi que não devemos fazer o uso arbitrário das categorias e formas de classificações, o exercício centrou-se em pensar suas ressignificações e levar em conta ainda o sentido das categorias vivenciadas pelos próprios *brincantes*.

Segundo Almeida (2013), é preciso desconstruir, desnaturalizar certas ideias cristalizadas pelo pensamento social, buscando propiciar “uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta”, voltada para múltiplas experimentações num

conhecimento detido em realidades mais localizadas. É necessário que haja uma ruptura com as classificações identitárias e territoriais produzidas historicamente pela sociedade colonial, que é o que acabamos absorvendo e reproduzindo na graduação, desse modo, o meu papel enquanto pesquisadora é o de ressignificar tais classificações, pensá-las como em transformação, pois, assim como as sociedades, a cultura é dinâmica.

As categorias, que aparecerão ao longo desse trabalho, foram inicialmente utilizadas por mim de forma arbitrária e como eu já havia tido contato com a temática em questão anteriormente, cheguei ao curso de mestrado “cheia de certezas”, que logo viraram dúvidas, tudo o que eu achava saber ou conhecer precisou ser desconstruído e reestruturado.

Um ponto a ser considerado, trabalhado no primeiro capítulo desta dissertação, refere-se ao seguinte: é preciso, na construção da situação a ser pesquisada, pensar relacionalmente (Bourdieu, 1989), isso significa considerar o lugar de fala da pesquisadora. Por esse motivo dedico o início do capítulo 1 para descrever como a minha posição, meus dilemas e subjetividades interferiram na construção desse trabalho de dissertação. Isto porque a minha inserção em campo, não está dissociada da pesquisa que realizo e dos procedimentos adotados. Não se trata de uma autobiografia, ou seja, simplesmente escrever sobre a minha vida, mas se aproxima de uma noção de esboço de autoanálise, no sentido de Bourdieu (2005). E, deste modo, conforme explícito a minha posição de pesquisa, acrescento a minha condição, ou seja, de uma pessoa que em função de problemas de saúde teve dificuldades para concluir a pesquisa, isso apesar do esforço. E, de fato, posso assegurar que despendi um esforço extremo, principalmente acompanhando sistematicamente cada uma das etapas do bumba-meu-boi, conforme descrevo neste capítulo. Como meu esforço de campo foi extremo, e depois o esforço de escrita, com muitas reuniões de orientações, muitas idas e vindas, escrever esse trabalho se constituiu em um desafio a ser vencido na minha trajetória.

No segundo capítulo, intitulado “Boi de Pindaré em Análise” apresento um histórico do Boi de Pindaré, relatando sua origem como fruto de um desligamento de alguns líderes do Boi de Viana. Apresento um gráfico demonstrativo desse faccionismo. Analiso ainda a trajetória de alguns denominados *amos* do Boi, denominados também de mestres. No tópico 2.1 *Quando começou o boi, era tudo com promessa*: O histórico do Boi de Pindaré trabalho como se deu o início desse

bumba-meu-boi, assim como cito os outros bumba-meu-bois que se desdobraram do Boi de Pindaré, depois da sua dissidência com o Boi de Viana. No tópico 2.2 *Vem passando de geração pra geração*: A dinâmica do Bumba-meu-boi de Pindaré, apresento, através de músicas e entrevistas as mudanças que o Boi vai passando ao longo do tempo, e como essas mudanças se dão de geração a geração. Tais mudanças não significam o fim da tradição, pois conforme veremos, o relevante é justamente manter um fundamento, que são as relações na comunidade, expressar por alguns momentos rituais. No tópico 2.3 nomeado como *Os três tambores, eles formam o ritmo, o sotaque*: A relevância do sotaque no bumba meu Boi de Pindaré trabalho como o nome do boi se constitui também no nome de um dos sotaques dos bois do Maranhão, relatando aspectos relacionados à demarcação de diferenças estabelecidas entre os denominados brincantes do Boi de Pindaré em relação a outros bois. No tópico 2.4. *Tu não vai, boi não tem*: as trajetórias dos chamados *amos* descrevo a história de alguns *amos* que marcaram o Boi de Pindaré, desde a sua fundação, e a importância do papel do *amo* na comunidade do Boi de Pindaré.

No terceiro capítulo desta dissertação, intitulado “Atos de Estado e Resistência no de Pindaré”, analisaremos a relação do Bumba-meu-boi com o Estado, mostrando como essa manifestação passou a compor o calendário oficial do chamado São João. Observamos nesse ponto uma transformação, isto porque uma manifestação que até então era marginalizada, passou a figurar como representando a cultura maranhense. Neste capítulo nos dedicaremos a trabalhar a categoria tradição e seus diferentes significados.

A espetacularização do bumba-meu-boi, ou seja, as denominadas apresentações, dentro de uma lógica dos atos de Estado (Bourdieu, 2014), são recentes e vinculam-se a uma inserção dessa manifestação em apresentações sistemáticas pelos aparatos institucionais. Trabalharemos, no tópico intitulado “Quem vai passar no crivo? O bumba-meu-boi e os Atos de Estado”, como o Estado estabelece uma classificação dos bois a serem apresentados nos chamados arraiais, e mais que isso, como os participantes dos bois precisam se adequar a uma lógica de concorrência, principalmente através dos Editais.

Ainda nesse último capítulo, distinguindo as relações denominadas comunitárias das associativas (Weber, 2000) demonstrando como não se pode absolutizá-las, no sentido de pensá-las como uma construção de um tipo ideal na concepção de Weber, mas pensadas aqui como conciliadas. Aliás, o trabalho

direciona-se para essa discussão: não absolutizar as categorias, pensá-las como relacionadas. Esse capítulo trabalha as resistências em relação às imposições e como o que garante a manutenção do boi são os rituais, ou seja, as etapas do calendário que promovem as relações comunitárias, ou, como disse mestre Castro em sua entrevista – título do Subtópico 3.2, *A comunidade é a água e o capim do boi*. O Calendário e as resistências. Dessa forma, analiso ainda nesse capítulo o calendário do bumba-meu-boi de Pindaré considerando os diferentes momentos, a saber, os ensaios, o batizado, as promessas, as apresentações nos denominados arraiais e por fim a morte do boi. Destaco que acompanhei entre os anos de 2023 até 2025 grande parte desses momentos e que, despeito de ter realizado cinco entrevistas, o trabalho de campo ocorreu de modo sistemático, quando realizava observações diretas, fotografava e fazia anotações em diários de campo, uma análise do calendário do Boi de Pindaré, e, desde esse momento, descreveremos as intervenções do Estado no sentido de considerar essa manifestação como fazendo parte das apresentações da festa junina regional denominada “São João do Maranhão”. A ideia é distinguir as apresentações pagas daquelas não pagas, a saber, as que fazem parte das relações comunitárias – ensaios, pagamento de promessas e outras. Isso porque percebemos que os agentes sociais conciliam esses calendários como uma maneira de manter a sua própria lógica de existência.

Observei ainda que são as relações sociais estabelecidas ao longo do tempo que vão organizando e levando à transmissão de conhecimentos no âmbito do bumba-meu-boi do Maranhão. Não se sabe ao certo a origem dessa manifestação, o que se sabe é que possui um tempo de criação vinculado ao período de predominância da escravidão, sendo constantemente transmitida às gerações subsequentes.

É impossível descrever o bumba-meu-boi maranhense em sua plenitude e muito menos defini-lo, por isso, o meu objetivo neste trabalho está longe disso; enquanto estudante e pesquisadora dessa manifestação, me propus a estudar o Boi de Pindaré. E digo, de início, que mesmo realizando esse recorte, não tenho a pretensão de analisar todos os aspectos do Bumba-meu-boi de Pindaré. Pretendo, a partir de observações diretas, leituras, entrevistas e pesquisa em documentos, romper com pré-noções, ou com as categorias dadas ou geografizadas (Almeida, 2008).

Pretendo ainda descrever as práticas de resistência do Bumba-meu-boi

em relação aos atos de Estado, que tentam investir na ideia de espetáculo, de apresentações públicas para turistas; busco demonstrar que o bumba-meu-boi em questão é formado por pessoas comuns, de carne e osso, com histórias de vida e trabalho árduas, alguns ligados ao trabalho na estiva, e outras histórias ligadas à saída de localidades da região da Baixada Maranhense para a cidade de São Luís do Maranhão.

Nesse sentido, pretendo estudar as relações sociais estabelecidas no âmbito dessa manifestação popular, com ênfase em aspectos relacionados à resistência, à conciliação da dimensão do mercado, ou atos de Estado, com práticas vinculadas à ideia de relações comunitárias (Weber, 2000) e à organização dos agentes sociais na manutenção de uma prática em constante transformação.

CAPÍTULO 1 – CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: inserção no tema e procedimentos de pesquisa

1.1 Da subjetividade da pesquisadora às condições de possibilidades para realização de pesquisa

Por muito tempo me questioneei: O que faria de mim uma antropóloga, pesquisadora, etnógrafa, ou cientista social? Com título de bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), eu duvidava da minha capacidade de reflexão e análise dos aspectos abstratos da nossa sociedade; essa insegurança paira sob muitos aspectos da minha vida, e me atrapalhou muito no âmbito acadêmico; uma vez que, por muitas vezes, deixei de participar, indagar, questionar, sobretudo em sala de aula, por conta de uma timidez e insegurança sem tamanho e aparentemente sem explicação; o medo de me expor me trava, me paralisa; isso se deve à doença psiquiátrica que infelizmente me acompanha: o Transtorno Esquizoafetivo CID-10 F25, um tipo de esquizofrenia que, quando não tratada, combina sintomas como delírios, alucinações, mania e depressão; e da Bipolaridade CID-10 F31, que implica na oscilação do humor, entre mania e depressão.

Por conta disso, eu faço tratamento psiquiátrico há 14 anos, com o uso de medicamentos antipsicóticos. No início, eu não sabia o que eu tinha, pois a doença se manifestou aos meus 17 anos. Eu achava que era uma depressão, mas com o passar do tempo e com a convivência com a doença, passei a me questionar o que eu realmente tinha, então indaguei à minha psiquiatra e ela me disse que eu apresentava sintomas do transtorno esquizoafetivo e da bipolaridade. Tive acompanhamento psiquiátrico e passei por uma internação em um hospital psiquiátrico que até hoje me causa medo e traumas. Fui internada porque tive uma crise por conta da suspensão, sem prescrição médica, dos meus próprios medicamentos; eu não aceitava muito bem o tratamento; também faço acompanhamento psicoterápico, para trabalhar e ressignificar algumas das minhas questões pessoais.

Estou recuperando aspectos da minha vida pessoal, da minha subjetividade, exponho aqui a minha situação não no sentido de justificar qualquer falha deste trabalho. O intuito é justamente situar o leitor sobre como esse transtorno

dificultou a realização dessa pesquisa. Houve momentos em que pensei em desistir, inclusive porque achava que não tinha acompanhado todos os aspectos do Boi de Pindaré. Tinha uma pretensão ampla e desfocada da pesquisa, depois, as próprias leituras me ajudaram a perceber que a pesquisa tem um limite. O fato de não ter acompanhado todo o calendário do Bumba-meu-boi não significava que não pudesse ter um ponto de vista analítico sobre essa manifestação, entendendo suas transformações a partir da intervenção do Estado e a resistência daqueles que compunham o bumba-meu-boi em manter aspectos mais ligados à vida comunitária. Inclusive, essa percepção fez com que tivesse a ideia de montar o terceiro capítulo deste trabalho.

Bourdieu no texto “Introdução à Sociologia reflexiva” explica a relevância, para o exercício da reflexividade, em se considerar as dificuldades da pesquisa (Bourdieu, 1979). A própria leitura do texto me fez entender que essas dificuldades são as encontradas na construção do objeto de pesquisa. Ele nos alerta em que medida devemos tomar para objeto os instrumentos de construção do objeto (Bourdieu, 1979). Ou seja, romper com a ideia segundo a qual existe uma “realidade a ser captada”. Pensar relacionamente, ou seja, incluir no real a representação do real.

Então, no caso da presente pesquisa, não posso simplesmente naturalizar, por exemplo, a ideia segundo a qual “O Boi de Pindaré é tradicional”. Eu preciso compreender que essa forma de pensar o Boi de Pindaré é uma forma de representação e como diria Foucault (1999), de classificação.

Portanto, quando explicito a minha dificuldade subjetiva, a saber, meu transtorno esquizoafetivo e bipolaridade, entendo que essa é uma dificuldade diferente daquela da qual expõe o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ocorre que o meu problema de saúde interferiu diretamente na realização da presente dissertação. Isso porque não conseguia expor meu trabalho nos debates. E como diz Bourdieu, se expor é uma forma de fazer avançar a pesquisa. E eu pouco falava, não expunha nem a pesquisa, nem o meu problema de saúde.

Tive problemas com meu primeiro orientador, que não sabia sobre o que eu estava passando. Depois, conversei com a minha orientadora, professora Cynthia Martins se poderia incluir essa “minha posição” no trabalho.

Isso porque ao ler o trabalho do egresso Denilton Santos Carneiro (2019) do PPGCSPA, intitulada “As diferente Batalhas do privado e do Coletivo: as

territorialidades específicas da Comunidade Quilombola de Castelo através da Organização da Festa Nossa Senhora da Batalha”, percebi que ele incluía os seus problemas psíquicos como reflexão. Tive o aceite da minha orientadora, mas ela pediu que fosse problematizado o meu problema, correlacionado com a pesquisa. É o que tento fazer nesse momento.

Depois passei a ler outros trabalhos de dissertação, dos egressos do PPGCSPA, e percebi a explicitação dos problemas psíquicos como algo recorrente. Observei esses aspectos no trabalho de Vanessa de Paula de Moura Sousa Silva, minha colega de turma do mestrado, turma de 2023, intitulada “Do barro vem, para o barro volta: uso tradicional dos recursos e a luta de ceramistas por autonomia e direitos territoriais em Itamatatua, Alcântara, Maranhão”, onde ela trata também de questões subjetivas da sua vida pessoal, fazendo um paralelo de sua vida, sua posição enquanto pesquisadora tendo que enfrentar algumas vulnerabilidades da vida de uma estudante em uma cidade nova, e a vida de outras mulheres, que passam a ocupar espaços ainda não reconhecidos, como o caso das ceramistas de Itamatatua.

Há ainda o trabalho de Gabriel Boaes Gonçalves Bottentuit, também egresso do PPGCSPA, intitulado “Metafísicas Antropológicas: As fronteiras da representação epistemológica na produção etnográfica”, onde ele trata de como um problema de saúde devidamente diagnosticado, a depressão, agravada pela pandemia de covid-19 e a consequente impossibilidade de realizar a sua pesquisa de campo, que seria feita nas terras indígenas dos Awá-Guajá, o fez realizar a pesquisa bibliográfica e estudo epistemológico sobre sua situação e a dos Awá.

Dois questões podem ser refletidas sobre esse aspecto, primeiro, um trabalho acadêmico tem relação com a posição e subjetividade do pesquisador; segundo, um problema psíquico não é impeditivo do exercício reflexivo. De fato, vivemos em uma sociedade utilitarista, com a quebra das relações de solidariedade, ou relações comunitárias e talvez isso explique a quantidade de problemas mentais na atualidade. Inclusive, estudar as relações comunitárias do Boi de Pindaré ajuda nessa reflexão, conforme veremos no capítulo três.

No meio do meu tratamento, entre os 17 e os 23 anos, quando eu resolvia suspender os remédios por conta própria devido a não aceitação da doença e do tratamento ou tinha algum problema me incomodando mentalmente, apresentei de três a quatro surtos, crises psicóticas, onde eu ficava agressiva, agitada, com caráter

destrutivo, com vontade de destruir coisas materiais. Nesse período, não dormia, não comia, não fazia minha higiene pessoal, mas não possuía pensamentos suicidas, nunca pensei em tirar minha vida, pelo contrário, me sentia sufocada, eu queria me libertar daqueles episódios de crise, que me torturavam, onde eu dizia que minha família queria me aprisionar, mas na verdade estavam me apoiando e me protegendo.

Aos 25 anos, engravidei, meu filho hoje tem 5 anos, tive minha última crise, bem mais leve, quando ele tinha apenas 7 meses, parei de amamentar, pois tive que voltar a tomar os outros medicamentos que eram eficazes para o meu tratamento, porém nocivos para o bebê e poderiam ser transmitidos através do leite materno. Porém, acredito que o nascimento do meu filho me impulsionou a me cuidar mais, não fazer a suspensão da medicação por conta própria, pois eu já havia passado por essa experiência antes e eu acabei enfrentando crises.

Minha psiquiatra, que era a mesma durante esses 8 ou 9 anos, se aposentou, passei por dois outros médicos e com o terceiro e atual me identifiquei, pois ele me deu novas possibilidades de investigar a doença; me disse que, em casos como o meu, é difícil diagnosticar a doença porque os sintomas se confundem, e ele só ouviu a minha versão dos acontecimentos. Mas o que o levou a pensar isso foi que as vozes que vez ou outra eu ouço, são barulhos, ruídos que levam a uma perturbação e confusão mental, o que se confundem com ideias fantasiosas, coisas que eu crio, nas minhas relações pessoais; e no caso da esquizofrenia as vozes são claras, ainda que não sejam reais, e perseguem o portador da doença; e, no meu caso, eu não entendo o que essas vozes ou ruídos querem dizer.

Dessa forma, meu atual psiquiatra levantou a hipótese de eu possuir Bipolaridade ou Transtorno Afetivo Bipolar – CID 10 F-31, me mostrou que algumas coisas em mim precisam ser ressignificadas, ou pelo menos levadas em conta, como o fato de eu ser mulher, mãe de um menino que atualmente tem 5 anos, e foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) – CID 10 F-84 aos 2 anos de idade, quando eu trabalhava no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) de Presidente Dutra, e precisava viajar para trabalhar, ficando longe dele, ele apresentava episódios de febre emocional, ansiedade, o que nos levou a investigar e descobrir que ele era autista.

Desde essa época, tem sido uma luta diária para cuidar dele e de mim,

contando com uma rede de apoio importante; minha mãe que tem sido minha força, me ajuda com os cuidados com ele para eu tentar estudar e meu pai dando todo o suporte financeiro necessário para que ele possa fazer suas terapias e para que consigamos educá-lo.

Por falar em minhas questões pessoais, muitas vezes, nas aulas do mestrado, preferi me manter em silêncio para evitar o que eu considerava como erros, isso se deve a uma insegurança até sobre o que sei. Além de eu ser tímida, existe o fator doença que me atrapalha, eu não conseguia formular uma fala, o pensamento não acompanhava a fala, talvez por causa do uso de medicamentos há catorze anos. Era muito difícil me expor e eu ficava muito nervosa, então preferia não fazer isso, preferia ficar ali, quieta, calada e “na minha”. Em muitas aulas, as que exigiam maior dedicação e reflexão, eu ia pra casa ouvindo as vozes, ruídos ou barulho. Vou tentar refletir à luz de Bourdieu (1979) essa representação do real, ou seja, fruto do transtorno esquizoafetivo bipolar, eu não podia considerar.

Isso me atrapalhou demais, uma vez que, quanto mais nos expomos, mais contribuições nossa pesquisa recebe, mais indagações recebemos e o crescimento é maior, pois, segundo Bourdieu (1979, p.18), “[...] Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, estou certo, mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos [...]”, por isso sei o quanto perdi com isso. Porém, Bourdieu (1979) também afirma que “[...] Nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades. [...]” Dificuldades que Bachelard (1996) chamaria de “obstáculo epistemológico”. Segundo ele:

Busca-se conhecer as condições psicológicas do progresso da ciência, os obstáculos nos quais o problema do conhecimento científico deve ser colocado, os obstáculos externos são a fragilidade dos sentidos e do espírito humano, é no ato de conhecer que aparecem as lentidões e os conflitos, que são causas de estagnação e inércia, nisso consistem os obstáculos epistemológicos. (Bachelard, 1996, p.17).

Bachelard (1996) afirma que o saber científico passa da imagem para a geometrização, para a abstração, a imagem é a fenomenologia, a geometrização é conquistada com esforço e por isso persistirá, e a abstração é a psicologia do pensamento científico.

Essa abstração consiste em refletir sobre as subjetividades que acompanham o pesquisador, pois, segundo Bourdieu (1979), existe uma objetivação

participante que acompanha o fazer científico do pesquisador.

Bourdieu (1979) propõe então que o pesquisador realize uma autosocioanálise, uma sociologia da sociologia. Nada como a autorreflexão do sociólogo para a construção do seu objeto de pesquisa. As atitudes dos sociólogos perante seus objetos dependem sim de suas condições e características enquanto pessoa.

A reflexividade pode ser pensada sobre nós mesmos, pois somos feitos de valores sociais, políticos e econômicos. É preciso conhecer os ideais do (a) pesquisador (a). A objetivação participante que objetiva o pesquisador (a) permite que ele (a) se livre do senso comum e passe por uma conversão do olhar, de um olhar comum para um olhar sociológico. Essa leitura me auxiliou na decisão de continuar a pesquisa.

Bachelard (1996) afirma que “[...] respostas precisam de perguntas, contudo, de hipóteses. Uma hipótese científica sem contradição é inútil [...]”, dessa forma, a possibilidade primeira de um trabalho científico é a dúvida, a partir das hipóteses é que levantaremos possíveis respostas para nossas perguntas, o conhecimento ou um trabalho científico não é acabado.

O primeiro passo para a análise de uma situação é nos desvencilhar dos obstáculos epistemológicos da produção do conhecimento, segundo Bachelard (1996), se desvencilhar de pré-noções, da verdade primeira, da opinião. Para ele, o que existem são erros primeiros. Desta forma, nos leva a elaborar perguntas, questionar o conhecimento acabado, elaborar hipóteses, que estão sempre em mudança, pois uma hipótese sem contradição é inútil.

Dessa forma, buscarei romper inicialmente com categorias cristalizadas como a ideia de tradição e costume. Esse processo é necessário no trabalho científico, uma vez que se faz necessário se desprender das ideias iniciais sobre determinado assunto, é preciso que coloque a criticidade em voga, que se livre do senso comum.

Pierre Bourdieu (1979) afirma que devemos pensar relacionalmente, precisamos pensar em termos de relações e promover uma ruptura no trabalho social de construção do objeto, ruptura com categorias pré-construídas.

Creio ainda que esse trabalho me ajudará a responder à minha questão inicial e pessoal: Será que sou capaz de exercer a minha profissão de formação? Pois, por meio dele, buscarei analisar e refletir tanto sobre categorias referidas ao

bumba-meu-boi de Pindaré, quanto busco refletir sobre minhas próprias subjetividades e da unidade social, ou comunidade, com a qual trabalho, como Malinowski (1976) em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, ao tratar dos “imponderáveis da vida real”, ou seja, dos imprevistos e percalços que enfrentamos nos nossos caminhos enquanto pesquisadores.

Além dos problemas relativos à doença que citei acima, tive problemas para me inserir no campo pesquisado, por conta da minha timidez e introspecção, porém, tive que ter paciência comigo mesma e com o meu processo, dessa forma, eu consegui avançar no trabalho. Entendo que esse tópico introduz os seguintes, pois as condições de possibilidades para a pesquisa devem ser consideradas

1.2 O trabalho de campo: observações diretas e entrevistas

Meu primeiro contato de pesquisa com a temática do bumba-meu-boi não se deu a partir do Boi de Pindaré, mas com o estudo de outros grupos, como o Boi da Floresta e o Boi da Liberdade, ambos situados no bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão, o primeiro classificado como pertencente ao *sotaque da baixada* e o segundo classificado como boi do *sotaque de zabumba*.

Esse interesse se deu no período em que eu comecei a cursar minha segunda graduação, ainda não concluída, de licenciatura em Ciências Sociais pela UFMA, no âmbito do projeto “Antropologia e Imagem: Etnologia indígena e regional a partir de recursos metodológicos da Antropologia Visual”, sob a orientação do professor doutor Adalberto Luiz Rizzo de Oliveira, com planos de trabalho sobre a Etnologia do bumba-meu-boi, que seria a “etnologia regional”, e a etnologia indígena, vinculados ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC)/ Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e PIBIC/UFMA, entre os anos de 2019 e 2021.

A escolha por esses grupos atendia a um critério inicial adotado pela equipe do projeto de pesquisa: grupos de boi considerados “mais originais” ou “tradicionais”, ou seja, aqueles que mantêm o menos alterado possível suas indumentárias, instrumentos, vestimentas, o seu *boiar*. No período pensávamos a questão da originalidade como relacionada, dentre outros aspectos, aos *sotaques*, e no caso dos bois escolhidos, eles se enquadravam nos *sotaques* considerados mais tradicionais. Esse foi o critério de escolha do Boi da Floresta, classificado como

sotaque da baixada e do Boi da Liberdade, classificado como boi do *sotaque de zabumba*.

Considerado como manifestação da cultura popular, feita por pessoas comuns, o bumba-meu-boi é comumente associado à ideia de festa que mistura momentos de festa e brincadeiras, ritual, fé, devoção, e ainda, uma parte burocrática atrelada ao Estado e aos processos de patrimonialização. Muitos brincantes afirmam que dançam para os santos juninos, a quem são devotos, são eles: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal; além dos povos de terreiros, que caracterizam essa festa como de grande conotação religiosa.

Para além das classificações oficiais, o bumba-meu-boi articula relações sociais que são dinâmicas e estão presentes nas chamadas sedes e *barracões* dos grupos de boi.

Minha relação de pesquisa com o Boi de Pindaré se iniciou a partir do meu interesse em estudar um grupo de bumba-meu-boi que possuísse como marca a “manutenção dos costumes e da tradição”, no jeito mais preservado de fazer boi. Eu estava munida de um desejo e de uma problemática: A mobilização que o grupo é capaz de fazer em sua comunidade, o Bairro de Fátima. Essa era a perspectiva do primeiro trabalho, realizado no curso de graduação em Ciências Sociais da UFMA. Depois, com a minha entrada no PPGCSPA, essa perspectiva inicial foi completamente questionada. Não posso dizer que foi abandonada porque de fato serviu para a elaboração de críticas dessa maneira de pensar o bumba-meu-boi.

Nas disciplinas cursadas no âmbito do PPGCSPA tive acesso a leituras que questionavam a ideia de origem, tradição e costumes como vinculadas a uma originalidade. As leituras apontavam que as tradições se transformam (Hobsbawn; Ranger, 1984); a identidade se fortalece no conflito (Hall, 2006) e as formas organizativas instrumentalizam as identidades. Reformulei a forma de abordar o bumba-meu-boi e compreendi que apesar dos chamados brincantes afirmarem que o Boi de Pindaré era um boi tradicional, isso não significava que ele não estivesse mudando e se transformando a cada ano. E, ainda, que por mais que os líderes deste Boi dissessem que ficaram de fora das festas juninas, não sendo chamados para apresentações, em alguns anos, justificando a exclusão pelo fato de serem tradicionais, o próprio poder público valorizava a ideia de “tradição” no sentido de atividade cultural inalterada em relação ao passado. Essas são as dificuldades a serem enfrentadas, e que, somente as leituras permitiram uma problematização.

Destaco que esse debate sobre em que consiste um chamado “bumba-meu-boi tradicional” será retomado nesta pesquisa. Isto porque a categoria tradição é central nesse debate. Os participantes do Boi a utilizam para demarcar diferenças em relação a “outros bois”. Essa representação, no entanto, não significa que a manifestação seja igual a cada ano, ao contrário, conforme veremos, as mudanças existem. Ou melhor, o que se mantém são as mudanças. Apesar disso, na representação dos integrantes do Boi de Pindaré, alguns elementos são classificados como tradicionais.

Mas, voltando aos contatos iniciais com o Boi do Pindaré, destaco que ocorreram a partir dos conhecimentos em antropologia visual, que tinha como objetivo a coleta de dados imagéticos do que chamávamos à época de elementos da cultura popular maranhense, especificamente do bumba-meu-boi, para produção de trabalhos acadêmicos. Porém, essa pesquisa foi apenas bibliográfica e através de meios digitais, com análise de imagens e vídeos, por conta da pandemia de COVID-19 que teve seu auge entre os anos de 2020 e 2022.

Em junho de 2022, ano em que os grupos voltaram a se apresentar em arraiais, dada a aplicação da vacina contra o covid, no dia 23, véspera do dia de São João, dia de batizar o boi, ainda no âmbito da licenciatura, depois de entrar em contato com a dona Benedita Aroucha, representante do Boi de Pindaré via WhatsApp, sem muita esperança de que ela fosse me responder; depois de uma resposta positiva, fui à sede do grupo, acompanhada da minha irmã Naiara Leal e do meu amigo Paulo Serejo, e até essa minha inserção no campo precisa ser trabalhada, pois eu não ia ao campo sozinha no início da pesquisa, me sentia bastante insegura para isso.

Desde as primeiras informações que obtive sobre o Bumba-meu-boi de Pindaré, através da rede social Facebook, quando comecei a ter interesse pelo grupo, a questão da relação com o poder público já se colocava.

Com duas principais perguntas na cabeça a serem respondidas: a primeira referente a qual teria sido o motivo de o Boi ter ficado de fora da programação dos principais arraiais de São Luís em 2022, depois da leitura de uma nota no Facebook do Boi, reclamando seu devido lugar de apresentações; e a segunda relativa ao que eu chamava de “Mobilização social do Boi de Pindaré na comunidade do Bairro de Fátima”, o que deu nome ao meu projeto de inserção no PPGCSPA da UEMA; ou seja, as ações sociais desempenhadas pelo Boi na

comunidade a fim de influenciar na vida cotidiana das pessoas que nela vivem.

Posteriormente, com as leituras que fiz quando ingressei no PPGCSPA, rompi com essa visão sobre o bumba-meu-boi, centrada em uma cristalização de noções que são dinâmicas, passei a pensar de outra maneira algumas questões e investir em leituras teóricas sobre procedimentos de pesquisa. Uma das mudanças refere-se a quebra de uma visão idealizada do Boi, centrada em noções como “manutenção da tradição”, “originalidade” ou mesmo “costumes mantidos”. Passei a compreender que tais noções não estão presas a um passado, ou seja, a tradição pode ser do presente; a ideia de originalidade, considerada como vinculada a certo primordialismo, não se ajusta à dinâmica dos grupos e aos chamados costumes, que também não são imutáveis.

O questionamento dos conceitos vinculados ao primordialismo não significa uma total eliminação de sua operacionalidade, inclusive nas políticas institucionais, ou mesmo na fala dos próprios integrantes do Boi. De fato, essas noções estão cristalizadas nos discursos institucionais, orientando julgamentos e decisões, principalmente em relação aos recursos públicos destinados ao bumba-meu-boi no período junino.

Na minha primeira ida a campo, no dia 23 de junho de 2022, à sede do Boi que fica localizada no Bairro de Fátima em São Luís do Maranhão, o grupo se preparava para o batizado, importante momento no calendário do bumba-meu-boi, realizado sobretudo na véspera de São João, sob a realização de um ritual religioso. Cheguei à sede e os brincantes estavam arrumando o espaço para a noite, cortando bandeirinhas, limpando e decorando o barracão. Percebi que ali as pessoas se reuniam para estabelecer relações de amizade e solidariedade, ou seja, existiam relações sociais guiadas por um senso para além de qualquer possibilidade vinculada a uma dimensão econômica.

No que se refere ao trabalho de campo, ressalto que desde o ano de 2022 venho realizando observações sobre o Boi do Pindaré. Portanto o presente trabalho é marcado por observações e realização de entrevistas. Como sabemos, durante os rituais se torna muito difícil fazer entrevistas, isso em função de os brincantes estarem no processo de realização dos rituais ou das apresentações.

Desde o período que ingressei no PPGCSPA, intensifiquei as observações diretas ao Boi de Pindaré. No ano de 2023, participei diretamente de todo o ciclo do Bumba-meu-boi, realizando atentas observações em relação aos

diferentes momentos e as especificidades de cada um deles. No mês de abril acompanhei os chamados Ensaios; no dia 23 de junho acompanhei o Batizado; assisti ainda às apresentações na Festa de São Pedro e finalmente no mês de setembro, acompanhei a chamada “morte do boi”.

No ano de 2024 também acompanhei todo o ciclo do Bumba-meu-boi. Desde os Ensaios até a morte. Considero que no ano de 2024 acompanhei de modo menos intenso, pois não cheguei a acompanhar todos os ensaios, como no ano anterior. Com relação à morte do Boi, um ritual que dura três dias, no ano de 2023 fui somente um dia e no ano de 2024 participei por dois dias.

Em 2025, consegui acompanhar alguns ensaios, o batizado, no dia de São Pedro, não fiz o trajeto no ônibus com o grupo, mas os esperei no ponto em que se concentram todos os anos no dia 29 pela manhã, antes de fazer o percurso em cortejo pelas ruas da Madre Deus até a subida da escadaria da capela. Abaixo apresento um quadro demonstrando os momentos do trabalho de campo.

Depois desta primeira ida a campo retornei muitas vezes ao chamado barracão; assim como passei a acompanhar sistematicamente as atividades do calendário de atividades do Boi de Pindaré, que ocorriam em diferentes localidades, seja em arraiais, na Madre Deus durante a festa de São Pedro e outros momentos como em casas de pagadores de promessa.

As leituras ajudaram a compreender a relevância das observações diretas para a construção de uma pesquisa, conforme destaca Regina Prado no seu livro “Todo Ano Tem”. Assim como a dificuldade em realizar entrevistas para os pesquisadores que estudam rituais e festas. No caso de Prado (2007), ela chegou a campo no momento de realização de uma festa de bumba-meu-boi e esse fato facilitou o seu trabalho de campo.

No meu caso, eu tive dificuldades em realizar entrevistas enquanto acompanhava os ensaios, ensaios redondos, batizado, festa de São Pedro e morte do Boi, nesses momentos ficava absorvida em observar os diferentes momentos, e distingui-los, considerando as diferenças no que diz respeito às atividades que ocorriam no âmbito comunitário de outras que ocorriam em contexto de apresentações nos denominados arraiais, apresentações pagas.

O Boi de Pindaré possui um calendário de atividades realizadas a cada ano, que compõem um ciclo bem definido, com etapas e momentos bem marcados. Destaco que para a realização dessa dissertação, acompanhei de forma sistemática

esse calendário. Não consegui observar todos os momentos, daí considerar esse trabalho de campo como marcado por incompletudes. Destaco, conforme o quadro abaixo, que consegui acompanhar vários momentos. Segue o quadro:

Quadro 1 - Momentos observados durante o trabalho de campo realizado com o Boi de Pindaré

Momentos do Bumba-me u-boi	Ano de 2023	Ano de 2024	Ano de 2025	Procedimento de pesquisa	Quantidade de dias de cada atividade e quantos dias observei	Apresentações pagas
Ensaio	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	2 a 3 ensaios abertos ao público	Não
Ensaio Redondo	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	1 dia –1 dia	Não
Batizado	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	1 dia- 1dia	Não
Apresentações em arraiais	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	Vários dias	Sim
São Pedro	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	1 dia –1 dia	Não
Morte do boi	x	x	x	Observação direta e anotação em diário de campo	3 dias–1 dia	Não

Fonte: Autoria própria (2025)

O campo que esse quadro busca demonstrar está relacionado a eventos importantes, o calendário do Boi segue uma dinâmica própria, por exemplo, o primeiro ensaio, o batizado e a festa de São Pedro tem datas fixas, ou seja, o

primeiro ensaio sempre ocorre no Sábado de Aleluia, logo depois da sexta-feira da Paixão de Cristo, antes do domingo da ressurreição ou Domingo de Páscoa, é aberto para que o público (formado pela comunidade do Bairro de Fátima, pesquisadores e simpatizantes do Boi que vêm de várias partes da cidade) possa acompanhar; antes de iniciar o ensaio com o toque de toadas a fim de “ensaiarem”, os amos do Boi, Mestre Castro e Mestre João do Sá Viana rezam e conduzem a oração do Pai Nosso e a Oração de São João, o santo para quem é dedicada a festa, para que ele abençoe a abertura de mais uma temporada.

Acontecem mais um ou dois ensaios abertos ao público e, o ensaio redondo, o último ensaio, que não tem data fixa, mas acontece sempre antes do batizado e de acordo com as necessidades do grupo, marca o fim da preparação para o início da festa, que se oficializa no dia do Batizado; é amplamente divulgado nas redes sociais do Boi de Pindaré, o que leva muitos admiradores ao barracão; nesse ensaio o grupo já está mais concentrado, com os passos mais acertados e o ensaio flui de forma mais organizada, contando com a participação do público, que dança, canta, filma e fotografa, transformando tudo em diversão.

O Batizado do Boi, que acontece sempre do dia 23 de junho para o dia 24 de junho, dia de São João, segue uma dinâmica própria, acontece sempre na mesma data, inaugura as indumentárias dos brincantes, as novidades incorporadas na dança, vestimentas e toadas, e o couro do boi, que é batizado, são escolhidos um padrinho e uma madrinha para batizar cada um dos dois bois, normalmente essa pessoa é escolhida por ser alguém de importância para o grupo, como pessoas que contribuem para o crescimento do grupo, seja financeiro ou que de alguma forma dão visibilidade para o grupo, como através de trabalhos realizados por pesquisadores.

O Batizado é um momento ritual para o Boi, uma vez que preza pela reza da ladainha em latim e português, proferida pelo *amo* sócio João do Sá Viana, em clamor a São João, o principal santo homenageado pela festa; dessa forma, podemos denominar o batizado como o momento de ritual que inaugura a temporada de apresentações, para isso destaco a fala de Dona Benedita que dá nome e sentido a essa dissertação, “*A gente reza quando vai batizar o Boi*”, uma vez que ela afirma a necessidade de manter a reza, o ritual como sinônimo de manutenção da tradição e sinônimo de resistência.

Em entrevista com mestre Castro, quando pergunto sobre a reza

realizada pelo *amo* João do Sá viana em latim, ele responde que:

É, ele fazia aquilo? É, ele faz, né? Ele, ele faz a reza, o bendito ele faz em português, né? Bendito com a palavra, com os versos que a gente chama, bem explícito em português. E eu falo daquelas partes ali que pouca gente entende, né? É, pouca gente entende ali o que ele está falando, sim. (Mesre Castro, 2025).

Em 2023, tive a oportunidade de ajudá-los na organização para o batizado, cheguei cedo na sede, pela tarde; e dona Benedita, com quem eu tenho mais proximidade, estava muito ocupada, e me deixou na cozinha “sob a responsabilidade” de dona Domingas, uma das cozinheiras do Boi; houve um momento que Dona Domingas me pediu para ajudá-la no corte de galinhas para o jantar, eram mais de 25 galinhas e eu entrei em pânico, pois não sabia cortar galinha; eu aproveitei para observar a movimentação dos brincantes, que conversavam, e preparavam a sede para a noite, me envolvi na organização, na decoração, com amarração de bandeirinhas e arrumação do altar para São João, com toalhas, velas e flores; isso acabou me fazendo escapar do corte de galinhas.

Com essa narrativa, gostaria de destacar o meu lugar no campo, que acaba evidenciando minha condição de estudante universitária, uma pessoa que nunca dedicou tempo suficiente para trabalhos domésticos a ponto de saber cortar galinhas, condição diferente da maioria dos brincantes e das brincantes do Boi de Pindaré, que, por sua realidade de vida acabam por precisar aprender, e muito cedo, todos os afazeres domésticos. Para contextualizar melhor esse pensamento, cito trecho de Compreender de Bourdieu (1979, p. 713), presente no livro *A miséria do mundo*:

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode reproduzir o ponto de vista de seu objeto, e constituí-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um alter ego) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele.

Enquanto pesquisadora, busco, no momento do trabalho de campo, me colocar no mesmo lugar do meu pesquisado, mas isso é impossível em sua

totalidade, uma vez que, não posso reproduzir o ponto de vista do meu objeto, ou dos meus pesquisados; e constituí-lo como tal, me situando no espaço social, a partir de um ponto de vista muito singular e muito privilegiado, o de estar, no meu caso, na sede do Boi, onde devo estar aberta para meus próprios pontos de vista, constituídos a partir do meu lugar de pesquisadora, das várias posições sociais que ocupo na sociedade e do meu lugar subjetivo.

Portanto, segundo Bourdieu (1979), é preciso ao pesquisador, “[...] compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele”. Ou seja, se eu vivesse suas vidas, vivenciasse suas realidades, teria pontos de vista e opiniões diferentes das que tenho, ou seja, ocupo lugar diferente do deles, e por isso não possuímos os mesmos pontos de vista, ocupando lugares diferentes, que mesmo que eu, pesquisadora tente artificialmente ocupar, não conseguirei, existe um abismo em relação ao acesso de informações aos quais eu tive, mas que eles não ainda acessaram, assim como e não acessei as mesmas experiências que eles, dessa forma, existe uma enorme barreira entre mim e os meus pesquisados que eu considero não ter conseguido quebrar.

Sobre o momento do batizado de 2023, gostaria de lembrar e destacar outro acontecimento que me chamou atenção, conversando com dona Sandra, brincante do Boi há muitos anos, ela afirmava que já viu o boi (boneco) chorar, o que revela a importância desse momento na vida dela e, como ela, na vida de muitos outros brincantes, que tem fé e dedicam seu tempo e sua vida a esse Boi.

Em 2024, o batizado seguiu o mesmo ritual, com a ladainha rezada pelo Mestre João do Sá Viana, mas começou e terminou mais cedo, pois, logo depois, o grupo seguiria para uma apresentação na Cidade Operária, porém, não dançou, como já aconteceu outras vezes, porque apesar de ter chegado no horário correto, às 22h, outro grupo estava se apresentando, e o Boi de Pindaré se apresentaria às 0h na Praça Maria Aragão, no centro da cidade de São Luís. Em relação aos horários das apresentações posso refletir sobre a importância que o grupo dá a apresentações pagas, no caso, a da praça Maria Aragão, onde funciona o arraial da prefeitura de São Luís, no entanto, o grupo precisa do pagamento dos cachês para fazer a brincadeira acontecer e acabam priorizando essa relação com o Estado que, como veremos e afirma mestre Castro em entrevista, assume um *papel paternalista*.

Já no ano de 2025, além do momento ritual feito com a reza da ladainha pelo mestre João do Sá Viana, havia a presença de um padre, para batizar o boi,

porém, ele proferiu palavras como: “como se batiza pessoas, e não coisas, eu vou abençoar o boi”, o que gerou certo incômodo em algumas pessoas que acompanhavam o batizado e alguns brincantes, e revela a insatisfação dos brincantes ao ouvir essas palavras de alguém externo ao grupo.

Observei outro acontecimento: senhor Chico São Pedro, chefe e condutor do cordão do Boi, passou mal no momento do batizado, foi ajudado e amparado por outros brincantes, mas mesmo assim não abandonou o momento do ritual de batizado do Boi, o que revela sua disposição, fé e perseverança em fazer boi.

As apresentações pagas, as que acontecem em arraiais e fazem parte da programação oficial do São João do Maranhão, sejam em apresentações contratadas pelos governos municipal e estadual, ou contratadas por instituições privadas, como arraiais de shoppings, estabelecimentos comerciais, entre outras; não possuem datas fixas, dependem da organização da programação das secretarias de governo ou dos estabelecimentos privados conciliadas com o calendário e a programação do Boi de Pindaré. Porém, o que podemos notar é que os dias e horários destinados aos bois de sotaque da baixada e de zabumba, por exemplo, como o Boi de Pindaré, são para apresentações em dias de semana e horários muito tarde, em que a presença do público é reduzida.

A festa de São Pedro acontece sempre entre o dia 28 e o dia 29 de junho, marcando mais um momento fixo no calendário do bumba-meu-boi, uma vez que consiste no encontro de grupos de boi, de todos os sotaques, e que simboliza para o Boi de Pindaré uma obrigação, o Boi tem um percurso fixo, realizado todos os anos por alguns bairros no entorno do centro da cidade em casas de promesseiros e em terreiros de religiões de matrizes africanas, e por volta de 4h da manhã seguem para a praia da Ponta D’areia onde dedicam oferendas e orações para os ancestrais e antepassados, os reverenciando, agradecendo pela herança da brincadeira e dos ensinamentos, e pedindo proteção, pois acreditam que se não fizerem esse momento ritual, estarão desagradando as forças superiores e estarão desprotegidos de possíveis eventualidades; como narra Martins (2015) que por terem deixado de ir a praia da ponta d’areia cumprir com a sua obrigação, então, no ano seguinte, quase não tiveram apresentações. Dessa forma, podemos concluir que ações como essa revelam o poder de manter os rituais e a crença na proteção dos ancestrais.

Depois que saem da praia, seguem para o centro, por volta de 5h30 – 6h da manhã, é uma madrugada árdua, de apresentações, pagação de promessas e

cumprimento de obrigações. Ao chegar no bairro da Madre Deus, se concentram em uma vila atrás do Cemitério do Gavião e depois seguem em cortejo até a capela de São Pedro, passando pela casa das minas como parte do momento do ritual, onde o miolo e alguns brincantes entram para receber as bênçãos.

Já a morte do Boi e as apresentações pagas têm uma flexibilidade maior quanto às suas datas no Calendário do Bumba-meu-boi de Pindaré, dependem dos interesses e das atividades dos próprios membros do Boi, acontece geralmente entre os meses de agosto e setembro. Portanto, o calendário da festa do bumba-meu-boi se inicia no mês de março ou abril e termina no mês de agosto ou setembro.

O ritual de morte consiste em três dias, no primeiro dia, o boi sai da sede e se dá a abertura do festejo de morte, no segundo dia o grupo sai para buscar o boi fujão, a burrinha, o mourão e os bolos, junto à festa a dada a morte do primeiro boi, que passa por uma encenação, o ritual de morte é cheio de disputas entre os vaqueiros, pois aquele que laça o boi e o leva para morrer é considerado o mais forte. Laçado o boi, ele passa pelo momento de matança e seu suposto sangue (representado por vinho tinto) é servido ao público presente. Encerrado o momento de morte do primeiro Boi, a festa continua, regada a muita música.

No terceiro dia acontece a morte do segundo boi, que precisa ser encontrado, da burrinha, a distribuição dos bolos e a quebra do mourão, a disputa dos vaqueiros para laçar o boi continua e a quebra do mourão, cheio de presentes que são ofertados ao povo, contendo objetos como brinquedos, objetos de utensílios domésticos, etc. O mourão, a burrinha, os bolos e os bois (brinquedos) são muito enfeitados, fazendo jus a grande festa que marca o encerramento da temporada.

Com relação às entrevistas, preciso destacar que tive dificuldades de me aproximar do grupo pesquisado, primeiro, porque logo nas minhas primeiras idas a campo, eu ia sempre acompanhada da minha irmã, principalmente em dias de festa, e comecei a perceber que o fato de eu estar acompanhada me limitava, pois impedia que as outras pessoas, do grupo, em dias de “casa cheia”, dias de festa, se aproximasse de mim e eu delas, uma vez que eu sempre buscava por dona Benedita, meu primeiro contato dentro do Boi.

Em relação aos demais entrevistados, posso destacar que foram todas as pessoas que foram apresentadas a mim, desde o meu primeiro dia na sede, quando conheci Pedro, índio do Boi que na ocasião se apresentou como cacique e dona

Elisângela, que era chefe da tribo de índios em 2023. Meu intuito de pesquisa naquele momento ainda estava indefinido e era completamente diferente do que tenho hoje; se referia a forma como as indumentárias eram confeccionadas, a fim de trabalhar com a temática do artesanato.

Nesse primeiro ano de trabalho de campo mais assíduo, já no âmbito do mestrado, tentei interagir com Pedro, que brinca como índio no Boi de Pindaré, por ser jovem, porém, eu percebi que eu tive mais afinidade com as pessoas mais velhas, as que estão no Boi de Pindaré a mais tempo, dentre eles: seu Hermínio Castro, *amo* do boi, seu Chico São Pedro, diretor do cordão e seu Nato, chefe dos batuqueiros, pessoas que, por mais que eu saiba que são muito requisitadas, foram as mais receptivas comigo e com meu trabalho.

Além dos entrevistados tive contatos ocasionais com aqueles que desempenham outros papéis no âmbito do Boi de Pindaré. Descreverei de modo breve algumas pessoas que conheci e os contextos nos quais esses contatos se deram.

Entre eles, estão Raiane e dona Marli, ambas da família Aroucha, Raiane filha de Hamilton Aroucha (Buguelo), filho de seu Chico São Pedro, que é também pai de dona Marli, que brinca de baiante, é cozinheira, costureira e bordadeira do Boi, ambas são da família de dona Benedita, que, junto com ela, ocupam papéis importantes no Boi, os contatos com elas se deram sobretudo nos momentos de preparação para as festas no barracão, seja decorando, ajudando na limpeza, na organização dos pratos de comida para serem servidos aos brincantes. Outro brincante do Boi de Pindaré é o seu Domingos (Jeba), com quem sempre mantive contato, sempre me cumprimentando e sendo prestativo quando eu estava em alguma dificuldade na sede, sendo acessível e atencioso.

Devido à minha dificuldade de interagir com os demais brincantes, fico insegura até me acostumar com meu próprio silêncio, que, mesmo estando rodeada por pessoas conversando e interagindo, de muito movimento, barulho e música, ficar quieta era o mais confortável para mim.

Dessa forma, buscava ficar mais próxima de quem eu já conhecia, a pessoa com quem mais tenho contato, dona Benedita, que possui muita predisposição a colaborar com as pesquisas sobre o Boi, pois, ela acredita que esse é o caminho para conseguir manter o legado do Boi de Pindaré. Em entrevista ao Seminário Internacional Culturas tradicionais e populares e justiça climática,

disponível nas redes sociais do Ministério da Cultura (MINC), dona Benedita afirma: “*E aí eu gostaria de deixar o Boi para a eternidade se possível, e por isso, eu procurei e me agarrei com os pesquisadores e as crianças, fazer o futuro do Boi, que eles... antes de morrer, eu vou pedir também que eles façam o mesmo, pense na salvaguarda do nosso Boi*”. Dessa forma, busquei essa estratégia destacada por Bourdieu (2001), de abordar as pessoas por meio de pessoas já conhecidas inserção no campo. Reflito sobre a escolha dos meus entrevistados:

Tomou-se por isso a decisão de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre pessoas conhecidas ou pessoas às quais eles pudessem ser apresentados pelas pessoas conhecidas. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação "não violenta". (Bourdieu, 2001, p 697).

Essa estratégia consistia em ficar sempre próxima às pessoas que para mim já eram conhecidas como Dona Benedita, que me levava a outras pessoas conhecidas. O meu ciclo de pessoas mais próximas era o mesmo ciclo de pessoas que entrevistei, pessoas com quem eu tinha alguma interação, a fim de não forçar uma conversa e assegurar uma comunicação não violenta.

Dentre os entrevistados, posso dar destaque ao seu Hermínio Vitor Castro, *amo* e cantador do Boi de Pindaré, conhecido como Mestre Castro, responsável por liderar a *fazenda*, e determinar o início e o fim das *brincadas*, entre outras responsabilidades como gerenciar os cantadores e mediar, junto com dona Benedita as relações com o governo, é uma espécie de porta-voz do Boi, uma vez que sempre o representa em eventos e reuniões necessárias, mestre Castro normalmente é solicitado para entrevistas, tanto pela imprensa local como por pesquisadores, por conhecer toda a história do Boi de Pindaré, assim como as pessoas que dele fizeram parte.



Fotografia 1 – Seu Hermínio Castro no dia do Batizado, realizado em 23 de junho de 2024.
Fonte: Gláucia Leal

Entrevistei o Mestre Castro em três ocasiões, em uma primeira entrevista, realizada em junho de 2023, ele tratou basicamente sobre a fundação do Bumba meu boi. A segunda entrevista, em setembro de 2023, que também ocorreu na sede do Boi de Pindaré, se constituiu em uma entrevista coletiva, com a presença da dona Benedita e o seu Nato, chefe dos batuqueiros. Na terceira, como o meu trabalho e as minhas reflexões estavam bem adiantadas, procurei fazer perguntas para a questão da relação do Boi com o Estado, e para a trajetória dos *amos*. Apesar disso, outros assuntos surgiram, pois, apesar dos meus interesses temáticos, deixei que ele próprio elaborasse o seu discurso.

A terceira entrevista com seu Hermínio Castro fundamentou diferentes capítulos dessa dissertação, por ter sido uma entrevista longa, na qual ele tratou do início do Boi de Pindaré, falou sobre a trajetória dos denominados *amos* de diferentes gerações, incluindo João Cância e Coxinho assim como relatou sobre a sua própria trajetória e a relação do boi com o Estado. Destaca-se que no tópico sobre as trajetórias dos *amos*, em quase todas as situações consideramos no

trabalho a fala de outras pessoas ou referências bibliográficas. No caso da entrevista com mestre Castro, utilizamos sua própria fala para tratar da sua trajetória.

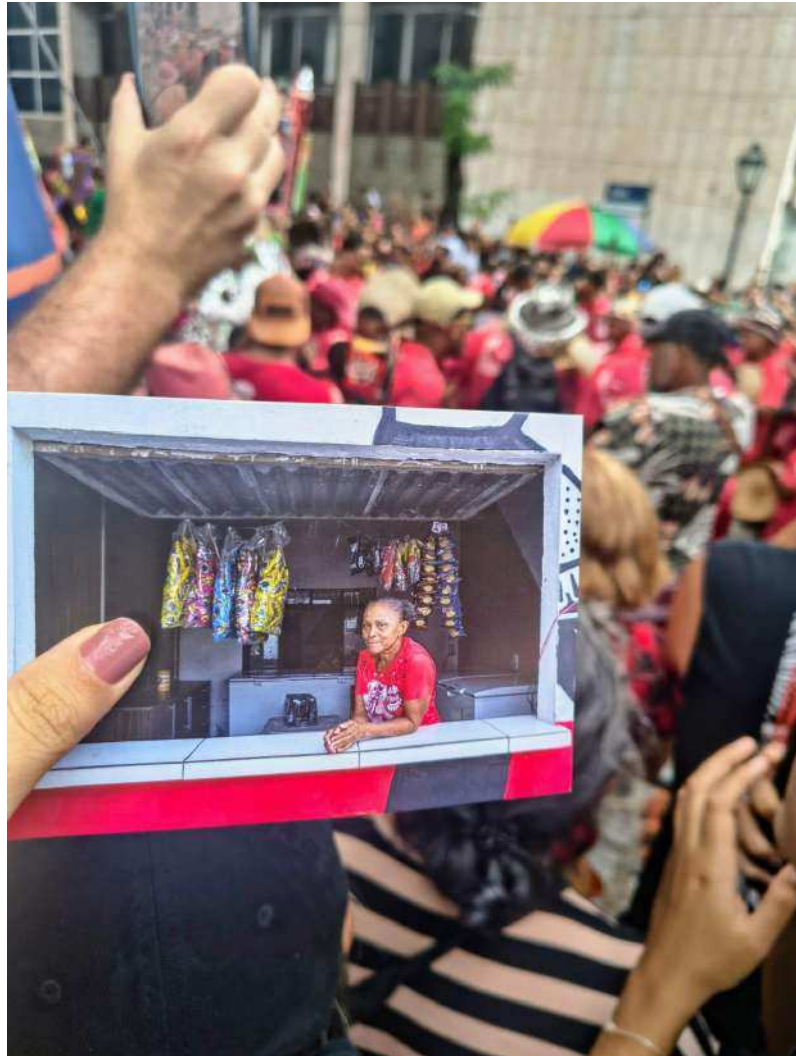
Entrevistei também o seu Nato, chefe dos batuqueiros, responsável por liderar o *batuque* do Boi de Pindaré. Ele atua confeccionando e reformando *pandeirões*, além disso, tem, no corpo do *batuque* e do Boi de Pindaré, vários membros de sua família. O primeiro parente de seu Nato a integrar o Boi, na época do fundador João Cância, foi o seu sogro, seu Zé Buçu. Depois outros membros da unidade familiar se integraram, demonstrando que essa manifestação inclui membros de uma mesma família.



Fotografia 2 – Seu Nato, chefe dos batuqueiros do Boi de Pindaré, no dia do Batizado de 2005. Fonte: Gláucia Leal

Outra entrevistada foi a com Dona Benedita Arouche, presidente do grupo desde 2003. Ela teria assumido a presidência do grupo como uma missão depois da morte de seu pai, Sebastião Arouche. Ela nunca havia participado de um grupo de bumba-meu-boi até então e quando o fez, já foi para assumir o Boi de Pindaré, recebeu duras críticas por isso, principalmente dos homens mais velhos da

brincadeira, dado o machismo presente na brincadeira de bumba-meu-boi, que era predominantemente feita por homens no passado.



Fotografia 3 – Dona Benedita Arouche (dona Bitá), presidente do Boi de Pindaré, representada em foto de Fabiana Batista em cartão-postal, no dia da apresentação na Feirinha São Luís.

Fonte: Gláucia Leal

Seu Chico São Pedro, diretor do Boi de Pindaré, também concedeu entrevista no âmbito dessa pesquisa. Ele que, com o *apito*, comanda o cordão, organizando e ordenando que entram primeiro os *cantadores*, depois os outros *brincantes*, nessa ordem: a *burrinha*, os *cazumbas*, o *Pai Francisco* e a *Catirina*, depois a *tribo de índios*, os *baiantes* e por último o *boi*. Os batuqueiros costumam ficar próximos aos cantadores por conta do som dos instrumentos, em um lugar de fácil saída devido à necessidade de aquecer os pandeiros para afiná-los. Seu Chico é um dos brincantes mais antigos da brincadeira, foi apresentado a João Câncio e

começou a brincar no Boi de Pindaré como *cazumba*.



Fotografia 4 – Seu Chico São Pedro, na sede do Boi de Pindaré, em junho de 2025.

Fonte: Gláucia Leal

Todas as entrevistas foram realizadas na sede do Boi de Pindaré, mesmo lugar em que acontecem os ensaios, o batizado e a morte do boi, assim como é ponto de encontro e local de preparação para as apresentações. Na terceira entrevista com seu Hermínio, ele demonstrou os ritmos dos três pandeiros que formam o som das toadas do boi através do toque dos pandeiros, que estavam dispostos próximo ao altar, na sede, são eles: o que faz a marcação, o merengue, e o repinique; o que me fez ter uma noção de como funciona o toque dos tambores no sotaque de Pindaré. Desta forma, destaco trecho do pensamento de Bourdieu (1993, p. 709-710):

O processo verbal do discurso recolhido que o autor da transcrição produz está submetido a dois conjuntos de obrigações frequentemente difíceis de conciliar: as obrigações de fidelidade a tudo que manifesta durante a

entrevista, e que não se reduz ao que é realmente registrado na fita magnética, levariam a tentar restituir ao discurso tudo que lhes foi tirado pela transcrição para o escrito e pelos recursos ordinários da pontuação, muito fracos e muito pobres, e que fazem, muito amiúde, todo o seu sentido e o seu interesse; mas as leis de legibilidade que se definem em relação com destinatários potenciais com expectativas e competências muito diversas impedem a publicação de uma transcrição fonética acompanhada das notas necessárias para restituir tudo que foi perdido na passagem do oral para o escrito, isto é, a voz, a pronúncia (principalmente em suas variações socialmente significativas), a entonação, o ritmo (cada entrevista tem seu tempo particular que não é o da leitura), a linguagem dos gestos, da mímica e de toda a postura corporal, etc.

Ele trata de como a transcrição não consegue passar tudo o que o autor deseja ao seu leitor, desta forma, nunca conseguiremos uma representação fidedigna do que aconteceu no momento da entrevista, porque quando passamos o oral para o escrito, perdemos foneticamente o ritmo, a entonação da fala e a linguagem que nos permite identificar melhor o nosso entrevistado, tal como sua classe social e origem, além da sua importância para a manifestação cultural em questão e para o Boi de Pindaré. Sobre isso, segue outro trecho de Compreender de Bourdieu (1979, p. 710): “[...] tomamos a liberdade de tirar da transcrição todas as declarações puramente informativas (sobre a origem social, os estudos, a profissão, etc.) todas as vezes que pudessem ser relatados, no estilo indireto, no texto introdutivo”.

Ao representar os três tambores que fazem o som do merengue, marcação e repinique, com riqueza de detalhes, tocando cada um dos tambores e demonstrando como juntos formam o batuque de Pindaré, criado por João Cância, quando houve o desmembramento do Boi de Viana.

CAPÍTULO 2 - O BOI DE PINDARÉ EM ANÁLISE

2.1 Quando começou o boi, era tudo com promessa: o histórico do Boi de Pindaré

Para que possamos entender o contexto social dos Bumbas-meu-boi da cidade de São Luís é preciso que se pense a relação com a região conhecida como Baixada Maranhense, Isto porque alguns dos grupos de Bumba-meu-boi com sede na ilha de São Luís, vem da região da Baixada Maranhense, região que abriga municípios como São Bento, São Vicente Ferrer, São João Batista, Penalva, Pinheiro, Matinha e Pindaré-Mirim, este último é considerado pertencente à Baixada pela sua influência cultural, refletida na identidade da região. Os primeiros brincantes desse ritmo eram pessoas vindas dessa região do Maranhão que, dadas as migrações para São Luís, em busca de melhores condições de vida na capital, vieram para trabalhar na estiva terrestre ou marítima, eram carregadores e arrumadores de mercadorias comercializadas em ou por São Luís (Martins, 2015).

As pessoas vindas da região da Baixada se instalaram em territórios perto do centro da capital, espaços que mais tarde seriam nomeados de Liberdade, Camboa, Fé em Deus, Diamante e Sítio do Meio. Alguns desses denominados bairros atualmente fazem parte do Quilombo Urbano da Liberdade, considerado o maior Quilombo Urbano do Brasil, caracterizado pela sua forte efervescência cultural; abrigando centros de cultura, terreiros, e sedes de grupos de bumba-meu-boi; o Bairro de Fátima, que também é conhecido por sua forte presença e influência no cenário cultural da cidade de São Luís, abriga a sede de grupos culturais e bois do sotaque da Baixada ou de Pindaré; como o Boi em questão o Boi de Pindaré que atualmente tem sua sede localizada atrás do Ecoponto, na Avenida dos Africanos, no Bairro de Fátima.

Quando se fala em Boi do Pindaré, de imediato imaginamos sua origem, ou seja, seu início, como sendo a cidade de Pindaré-Mirim, localizada na região conhecida como Baixada Maranhense. Entretanto, o trabalho realizado para essa dissertação nos trouxe a reflexão sobre a não correspondência imediata entre o nome do bumba-meu-boi e a região exata da sua origem e permanência. Portanto, conforme veremos, o Boi de Pindaré não iniciou nesta cidade e, ao longo dos seus 65 anos de existência, passou por muitas mudanças.

O Boi de Pindaré teria nascido a partir de uma desavença com seu Zé Apolônio, *amo* do Boi de Viana, que disse que se eles fossem brincar em Alcântara, para pagar uma promessa para seu Crispim (falecido) a pedido de dona Ana Maria, do município de Alcântara, não voltaria a brincar no seu boi; e assim fez, não aceitou mais esses brincantes em seu grupo. Diante disso, nascia a Turma do Pindaré, a partir de uma reunião na Ponta D'areia; Pindaré, porque era a cidade de origem de João Cância, seu principal fundador. No gráfico a seguir elaborei um esquema ilustrativo dos desdobramentos oriundos da saída de alguns integrantes do Boi de Viana e como se desdobraram em outros bois, incluindo o de Pindaré:

Figura 1 – Ramificações a partir do Boi de Pindaré

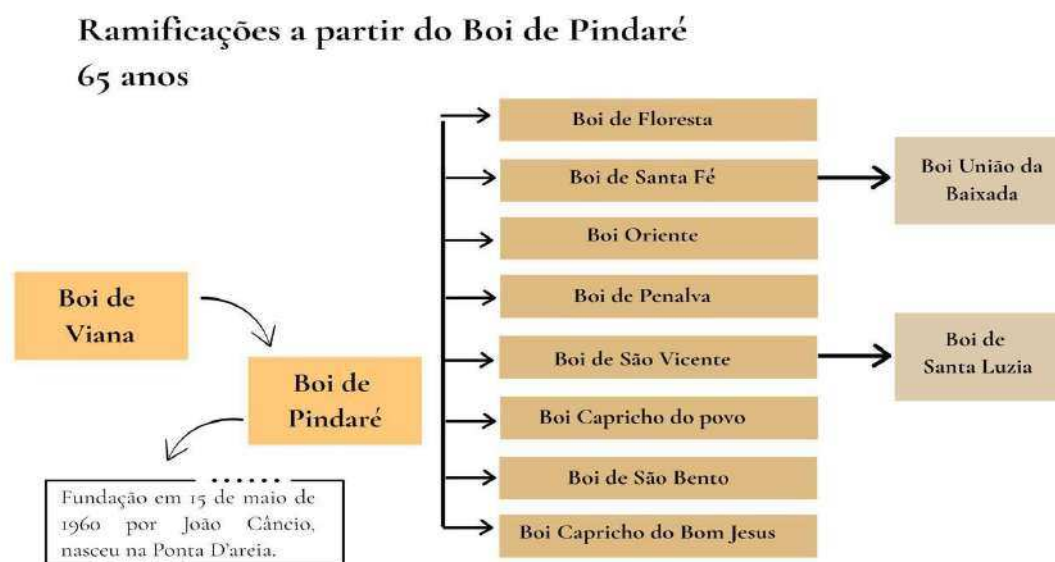


Figura feita por Samanda Nunes, a partir de informações extraídas do livro de Martins (2015)

Segundo Martins (2015), os brincantes do primeiro boi do sotaque da baixada com sede em São Luís, o Boi de Viana, era um verdadeiro reduto para os primeiros trabalhadores estivadores vindos da região da baixada maranhense e que as pessoas que migraram naquela época eram principalmente arrumadores, carregadores de material de exportação para o interior do estado, tinham no bumba-meu-boi um local de refúgio, onde esqueciam os problemas do dia-a-dia de trabalho árduo.

A partir do desentendimento que deu origem ao Boi de Pindaré, houveram outros, como o que deu origem ao Boi da Floresta, por exemplo, mestre Apolônio

Melônio narra essa situação no livro *Memórias de Velhos*:

João Cância levou o Boi para o Bairro de Fátima em 1967. Saí da brincadeira porque ela funcionava aqui na minha casa desde 1963 e eu não estava tendo lucro porque tudo que o grupo ganhava era empregado na brincadeira para que ela fosse melhor e tivesse condições de se apresentar em qualquer lugar.

João Cância ainda me perguntou se eu queria brincar com ele. Eu disse não e que o nome do Boi Paz do Brasil e as cores rosa e verde da roupa ficavam comigo porque tinha sido idéia minha. (Lima, 2008, p. 79).

No âmbito desta pesquisa foi possível identificar na entrevista de Mestre Castro o início do Boi do Pindaré. Transcrevo parte dessa entrevista, que foi realizada na sede do Boi em junho de 2023:

Esse Boi de Pindaré surgiu saindo de dentro do Boi de Viana, nesse sotaque nosso, a gente teve que pagar uma promessa em Alcântara, teve uma senhora chamada Ana Maria que queria pagar uma promessa do senhor que se chamava Crispim que já era falecido e o Zé Apolônio falou que se fosse pagar essa promessa ele não aceitaria mais voltar para o grupo dele entendeu? Então se separaram uma turma, os dois cabeças da história Apolônio, Melônio e João Cância, pegaram um pequeno grupo e foram ensaiar na Ponta da Areia e foram pra Alcântara pagar essa promessa, certo? Aí, quando chegou por lá a igreja tava fechada e tal eles fizeram aquela cerimônia, né, na brincadeira, aí vieram e continuaram ensaiando na Ponta da Areia e brincando nos outros dias né? E eles voltaram para o Zé Apolônio que era o Boi de Viana. Quando chegou lá ele não aceitou mais eles, aí eles fundaram o Bumba-meu-boi de Pindaré. Fundaram como Turma de Pindaré, Pindaré porquê? Porque o João Cância era de Pindaré, na cidade de Pindaré, aí fundaram essa brincadeira, aí nesse período fundaram na Ponta da Areia a data no dia 15 de maio de 1960 aí fizeram lá, aí vieram pra Floresta, aí vieram pro Teixeira na Vila Passos, passaram uns dois anos, aí depois eles vieram aqui pro final da Raimundo Correa que morava um senhora chamada Cobrinha pegou o Boi, e também pegou dois anos e depois eles voltaram com o boi e voltaram pra casa da dona Eunizete no Bairro de Fátima, botaram uns dois anos. Aí, depois desse período todo foi que Apolônio Melônio já se saiu do Boi, e eles vieram com o Boi aqui pra Rua 10. Aí, na Rua 10 deu um problema também, a sede ia caindo nós ensaiamos pra casa de seu Juvenal, e o que acontece quando chegou no ano de 1977 o João Cância faleceu, e deixou o Boi na mão da dona Libânea, era esposa dele, né, e quando falecia assim o dono do Boi fazia uma comissão, sabe como é, de cinco, seis pessoas, oito, até dez como representante do Boi. E nesse período a gente escolhia uma pessoa que tivesse mais capacidade de ficar mais com a turma, de ficar com o Boi de Pindaré, e foi escolhido seu Maurício Fonseca, e aí Maurício Fonseca ficou com o Boi, nós ficamos com dona Libânea e quando chegou nos anos 80, média 80, fomos mandados pra Vila Passos com o Boi que era proprietário Maurício Fonseca. E aí quando chegou em 84 ele faleceu, aí o Boi ficou na mão de Concita Fonseca.

Em 2025, realizei novamente entrevista com seu Hermínio Castro, a entrevista foi realizada também na sede do Boi, também antes do período do Batizado, quando pedi que ele me relembresse sobre o desmembramento do Boi de Pindaré do Boi de Viana, ele respondeu da seguinte forma:

É, o Boi de Pindaré, ele saiu... do Boi de Viana, o Boi de Viana era sistema de caixa ainda, sotaque da baixada, de Viana, né? Chegou a dona Maria, pediu para pagar uma promessa em Alcântara, do Crispim, né? Sim, Crispim tinha falecido. Deixou essa promessa pra ela pagar que era companheira dele. E quando ela chegou, falou com o Zé Apolônio, ele falou que não pagava a promessa de defunto, entendeu? Não pagava. E o que aconteceu? O João Cância fez aquele pequeno grupo, dividiram o grupo e foram ensaiar para ir pagar a promessa, ele se comoveu. Entendeu? Com o pedido dela e foram pagar a promessa em Alcântara. Eles foram pagar a promessa, mas não com intenção de largar o Boi de Viana, mas só quando eles voltaram de pagar a promessa em Alcântara, o Zé Apolônio não tratou eles muito bem, entendeu? Aí como eles tinham ensaiado, aquele grupo, eles decidiram fundar um boi para eles.

Um elemento que o seu Hermínio deixa claro é que o Boi de Viana era sistema de caixa, ou seja, era tocado com auxílio de caixas, as mesmas utilizadas na festa do divino e outras festas, por exemplo, sobre o Boi de Viana, este ficou inativo por um tempo, até quando surgiu o Novo Boi de Viana, em 1993, por antigos membros e simpatizantes do velho Boi de Viana de Zé Apolônio, com sede no Bairro de Fátima.

Além do Novo Boi de Viana, estão situados no Bairro de Fátima outros grupos de bumba-meu-boi como o Boi Unidos de Santa Fé, do mestre Zé Olhinho (que também fez parte do Boi de Pindaré), o Boi Fruto da Raça Show, liderado por Zequinha (filho de Coxinho), além do Boi de Penalva do Bairro de Fátima, fundado no bairro, o grupo tem o sotaque da Baixada e chegou a ter como *amo* o Mestre Coxinho; entre outros grupos de bumba-meu-boi e outras manifestações culturais.

2.2 Vem passando de geração pra geração: a dinâmica do Boi de Pindaré

O Boi de Pindaré possui uma dinâmica interna e, embora seja visto por um público mais amplo somente no São João, articula os integrantes durante todo o ano, como em festas de aniversário, oficinas, ações sociais que são desenvolvidas sobretudo com as crianças, a nova geração do Boi.

Representado pelas cores vermelho e branco, cantadas na toada “Vermelho e Branco”, escrita por mestre Castro: “o branco é a força da paz e o vermelho tem poder de sedução”, o Boi de Pindaré é conhecido e atende por “novilho brasileiro”, por conta da toada de mestre Coxinho que cito na abertura deste trabalho imortalizada na voz do cantador. O Boi de Pindaré é também conhecido

como “boi da ponteira de ouro”, esta última expressão porque acredita-se que o Boi de Pindaré possui as pontas do chifre de ouro, capaz de aleijar quem o encarasse, como o vaqueiro do momento do ritual de matança, essas e outras especificidades caracterizam o Boi de Pindaré.

Atualmente, o Boi de Pindaré é organizado da seguinte forma em suas apresentações: *os cantadores, os amos e os batuqueiros* dispostos em seus lugares, entram em cena primeiramente. *Os cazumbas*, acompanhados da mãe Catirina e o pai Francisco entram depois, em seguida a *tribo de índios e os baiantes* e mais tarde entram na brincadeira o *boi e a burrinha*. O *cordão* do Boi é formado por esses “subgrupos”, e cada um possui um chefe, para organizá-lo. No momento das apresentações eles estão cada um se apresentando da sua maneira, até se misturarem todos em uma grande festa, sem muitos ordenamentos, *os batuqueiros, cantadores e amos se unem ao cordão*. Essa descrição corresponde às chamadas apresentação, sendo que nos ensaios, por exemplo, as pessoas não estão caracterizadas com os personagens. Os ensaios se constituem em momentos em que o cantador apresenta a toada do ano e os brincantes aprendem essas toadas e ensaiam as danças de modo livre no denominado barracão.

Acompanhar os ensaios e os batizados nos proporcionam uma noção da relevância dessa manifestação para a identidade dos denominados brincantes. Eles se identificam e são identificados como pertencentes ao Boi de Pindaré. Sabemos que as discussões em torno da noção de identidade são muito amplas nas Ciências Sociais, mas identificamos pelas leituras, a centralidade da noção de pertencimento. Destacamos que os autores costumam apontar para o sentimento de pertencimento oriundo da interação entre os indivíduos e grupos numa sociedade durante a construção de identidades. Barth (2000), por exemplo, afirma que os grupos étnicos se consolidaram em torno dos traços culturais distintos - sinais diacríticos -, ou seja, seus signos e significados manifestos, constituídos por valores, modos de agir e de fazer-se reconhecidos por eles e pelo meio social numa relação de demarcação de fronteiras étnicas e sociais.

Hall (2006), ao chamar atenção para as diferentes correntes de pensamento em torno dos sujeitos desde o Iluminismo, ressalta que na modernidade as identidades estariam descentradas ou fragmentadas. Ele explica a identidade do sujeito sociológico como resultante do preenchimento entre os mundos pessoal e público de um indivíduo, que projeta seu eu nas identidades culturais

simultaneamente à internalização de seus valores e significados em si mesmo. Ou seja, o processo de construção da identidade teria um âmbito individual e coletivo, possibilitando novas formas de identificação. Hall (2006) trabalha essa dimensão da identidade na pós-modernidade, e, mesmo ressaltando a fragmentação das identidades nesse momento da história, não deixa de considerar a relevância da noção de pertencimento.

É possível observar, quando se vai à sede do grupo, a dedicação e entrega dos brincantes ao fazer o boi, a brincadeira do bumba-meu-boi, percebemos a evidente relação de solidariedade e identificação que nos permite dizer que os agentes sociais brincantes do bumba meu boi de Pindaré, além de se identificarem como de um mesmo grupo, demonstram diferenciações em relação a outros grupos presentes no Estado do Maranhão.

Essa expressão foi estampada na camisa oficial de 2023 do grupo, cuja renda das vendas foi revertida em arrecadação de fundos para benefício da associação. Destaca-se aqui que a criação de uma Associação está articulada à necessidade em concorrer aos denominados editais lançados pelo Estado no período junino e que garantem aos bois as denominadas apresentações nos arraiais, o que lhes permite arrecadar recursos para a manutenção do grupo. Atualmente, conforme veremos, a presidente da associação é a senhora Benedita, que conforme veremos se posiciona em relação a exclusão do boi de Pindaré das apresentações do ano de 2022.

O canto, o sotaque, a coreografia, são elementos citados nas entrevistas como marcantes na particularidade do Boi de Pindaré, integrando sua identidade no meio social *boieiro*. Eles são evidenciados nas toadas abaixo:

*As cores vermelha e branca são a nossa tradição
Olha o branco é a força da paz
O vermelho tem poder de sedução
Ô lá vai, lá vai, lá vai Boi de Pindaré
Meu povo, orgulho do Maranhão
(Toada "Lá vai - vermelho e branco" de Mestre Castro)*

*Urrou, urrou, urrou, urrou
Meu novilho brasileiro
que a natureza criou
Viva Jesus de Nazaré
E a Virgem da Conceição
Viva o Boi de Pindaré
Com todo seu batalhão*

*São Pedro e São Marçal
E meu senhor São João
(Toada “Urrou do Boi” de Mestre Coxinho)*

*Ê boi, boi, boi, ê boi da ponteira de ouro
Ê boi, boi, boi, ê boi da ponteira de ouro
Meu vaqueiro, tu presta atenção, tu não deixa bater de ferrão nesse touro
(Toada “Boi da ponteira de ouro” de Mestre João Cândio)*

No que diz respeito à dinâmica do Bumba meu boi de Pindaré, observamos a recorrência à categoria geração para se referir aos diferentes momentos, vivenciados por diferentes *amos*, brincantes e responsáveis pelo boi. No depoimento transcrito abaixo, os quais obtive em 2025 em entrevista na sede do boi, mestre Castro explícita sobre essa questão e a renovação geracional do Boi de Pindaré, ele afirma que:

Não, da minha geração, nós estamos bem pouquinho, bem pouquinho, aqui dentro do Boi de Pindaré só tem eu e Chico São Pedro Cazumbá, da época mesmo, 10, 20 anos da época para cá, entendeu? Aí de lá, de lá para cá, conheceu mesmo que eu digo até a primeira geração. E nós não fomos fundador pra cá, não estava no primeiro dia, mas nós vivemos com esses fundadores. Nós vivemos com os fundadores. Nós temos a história dos fundadores, nós temos a história do João Cândio, a história, mas nós temos a história do Cantinho. Nós temos a história do Sebastião Gordo, nós temos a história do Zé Buçu, porque a gente conviveu com eles, tem a história do Antoninho, do Zé Banana. Nós temos a história deles. Tá entendendo? Porque era muito recente, era muito recente aquela criação do boi e nós chegamos e achamos ele no auge, engrenamos com eles né, nós temos história, fundamento do início, né? Do início, mas hoje não, hoje tem bem pouquinho, nós estamos bem pouquinho porque nós já estamos no fim de geração. (Mestre Castro, 2025)

Os brincantes mais antigos do Boi de Pindaré, que permanecem até os dias de hoje, seu Hermínio Castro e seu Chico São Pedro, afirmam que conviveram com os fundadores do Boi, e que por isso tem respaldo para falar em nome do grupo, pois conhecem e fazem parte dessa história, aprenderam com eles e ensinam aos mais jovens o que foi aprendido, o que faz desse processo um trabalho de geração, configurando a manutenção dos costumes que os brincantes do Boi defendem.

2.3 Os três tambores, eles formam o ritmo, o sotaque: a relevância do sotaque no bumba meu boi de Pindaré

O *sotaque* pode ser descrito como a forma de expressão de uma região, nesse caso, do ritmo, a forma de tocar, da maneira de dançar, cantar e *fazer boi*, a especificidade das indumentárias e os instrumentos utilizados no batuque.

De modo geral os chamados *sotaques*, são classificados da seguinte maneira: *zabumba, orquestra, costa de mão, baixada e matraca*. Existem vários autores, estudiosos do bumba-meu-boi e folcloristas como Américo Azevedo Neto (1983) que, para falar de *sotaque*, levam em conta a individualidade de cada grupo, afirmando que cada grupo de bumba-meu-boi tem sua forma de fazer, portanto, é o *sotaque* que diferencia um grupo do outro.

Estou citando de modo mais geral essa classificação não no sentido de dar conta dessas diversidades, inclusive penso que essa classificação, mesmo incorporada pelos grupos e servindo de referência para diferenciar um bumba-meu-boi do outro, não é capaz de dar conta de todas as situações dos grupos de boi presentes no Maranhão. Então, questiono essas classificações que não correspondem à diversidade de situações referidas ao bumba-meu-boi do Maranhão.

Não consegui no âmbito desta pesquisa, saber se a classificação dos bois em *sotaques* se constitui em uma classificação dos próprios grupos ou uma classificação oficial, criada no âmbito da ação do próprio poder público. De qualquer modo, a partir do meu ponto de vista, expressam uma classificação genérica, criada como forma de classificação para fins de normatização de uma manifestação cultural. É claro que há elementos que aproximam os diferentes grupos de bumba-meu-boi, mas temos que partir da ideia segundo a qual cada bumba-meu-boi tem a sua especificidade, não são somente os ritmos, tipos de instrumentos ou mesmo a região que permitem agrupá-los em categorias um tanto quanto fixas.

Considerando essa classificação oficial teríamos o *sotaque* de Matraca, ou *sotaque* da Ilha, representado por grupos como Boi de Maracanã, Boi da Maioba, Boi da Pindoba, Boi da Madre Deus, Boi de Ribamar, entre outros que se caracterizam pela presença de instrumentos como *matracas, pandeirões e o tambor-onça*, entre os instrumentos tem-se as *tinindeiras e maracás*, além de personagens como *boi, burrinha, Pai Francisco, Catirina, amo, caipora, panducha, caboclo de pena, caboclo de fita e índias* (Borrvalho, 2015) além da forma de dançar das índias que é caracterizado pelo movimento dos braços e das pernas, para frente e para trás (Azevedo Neto, 2019).

O *sotaque* de orquestra, vindo da região do Munim, especificamente de Rosário/MA na década de 1940 segundo Borralho (2015), com a presença de *bombos, tambor-onça, pandeiro coberto de couro de veado ou de capivara* e também um tipo de *matraca* semelhante a uma castanhola, atualmente é caracterizado pelo uso de tecnologias como a presença de banda com instrumentos de sopro como trombone, saxofone, trompete e clarinete e pelo jeito de dançar dos índios, de forma rítmica e organizada, vestidos em indumentárias mais coloridas. Entre os grupos desse *sotaque* temos o Boi de Axixá, o Boi de Morros, o Boi de Rosário, o Boi de Presidente Juscelino, e o Boi de São Simão.

Temos ainda o *sotaque* conhecido como zabumba, que apresenta características como a presença da zabumba (instrumento) e das tapuias, que são as índias do boi desse *sotaque*, que usam vestes diferentes das dos demais *sotaques*, meias e capacete na cabeça, tais como no Boi de Leonardo, Boi de Guimarães e no Boi da Fé em Deus.

E o *sotaque* de Costa de Mão, em que sua característica principal é que os tambores são tocados com as costas das mãos, esse *sotaque* está correndo o risco de desaparecer, pois recebem pouco apoio do governo e não tem se propagado em outros grupos como nos grupos de boi da baixada, como no caso do Boi de Pindaré. Entre os bois de costa de mão, podemos destacar grupos de Cururupu como Boi da Rama Santa, Boi Brilho de Areia Branca, com sede em Cururupu e Boi Brilho Sociedade Cururupu de Humbelino com sede em São Luís.

O *sotaque* da Baixada passa a ser também conhecido como *sotaque* de Pindaré, depois da criação do Boi de Pindaré, quando o seu fundador, João Cândia, criou e implementou uma nova forma de tocar os instrumentos, tornando o ritmo mais leve e cadenciado, com a inserção do *repique/repinique, tambor pequeno* utilizado em outras manifestações populares como o tambor de crioula, além da presença dos *cazumbas*.

O *cazumba* é um personagem dos bois da região da baixada, região de campos baixos que alagam na estação das chuvas, as cidades vivem parte do ano cercada por lagoas. São bois com um ritmo cadenciado, a presença do badalo, pandeirões menores ou caixas, enormes chapéus bordados com penas de ema e a presença do *cazumba*. (...) É uma figura mascarada, sua indumentária chamada de bata ou farda, um vestidão cheio de bordados e coloridos com um cofo de palha usado na cintura, trazendo uma figura grotesca com uma bunda enorme que balança. Na mão segura um badalo, tipo um sino de boi, avisando que o bando de *cazumbas* está chegando (...) É uma máscara com expressão animalesca, que assusta, incomoda e ao

mesmo tempo traz o riso, dizem que pode ser homem, mulher ou bicho, que vive no reino do entre, é chamado também de espírito da floresta, carregado de mistérios e simbolismos, tem a função de iniciar a brincadeira, abrindo a roda e brincando com a plateia, quando todos os brincantes formaram a roda da brincadeira, os cazumbas preenchem o miolo da roda junto com o vaqueiro, a onça, a burrinha e o boi, trazendo uma performance com liberdade gestual e movimentação, se comunicando com o público, interagindo com qualquer personagem da brincadeira. (Manhães, 2009).

No entanto, o papel do *cazumba* na brincadeira é animar, divertir, provocar o medo, o riso e surpreender o público, cometendo transgressões, está entre o mundo do profano por não seguir muitas regras e ordens, é um personagem que brinca livremente no miolo da roda do boi, e no mundo do sagrado porque alguns acreditam que no momento do ritual da morte do boi, o cazumba atrapalha o vaqueiro a laçá-lo, outros dizem que ele facilita esse laçamento e prisão do boi no mourão (Manhães, 2009).

Segue trecho da entrevista com seu Hermínio Castro, realizada em junho de 2025 na sede do Boi, onde ele fala sobre as modificações feitas por João Cância, incorporadas ao *sotaque* da baixada, que deram origem ao *sotaque* de Pindaré:

O João Cância ele modificou porque ele criou, teve a ideologia de formar esse boi num batuque diferente. Esse ritmo nosso, ele é o único. Sabe como é, ele pegou os 3 pandeiros, se fez a formação da marcação, o merengue e o repinique. Os outros não tinham, né? Tinha boi da ilha, mas era muito diferente, boi da baixada, diferente. E ele fez esse boi aqui em São Luís do Maranhão, confirmando que era esse ritmo, era esse aí, sotaque do Pindaré. Ele admirou, admirava a batida dos 3 tambores do tambor de crioula, dava tudo certo, que era o tambor de crioula, entendeu? Esse formato aí do boi, tem inspiração nesse tambor... Marcação, ela marca, marcação ela marca, ela marca, ela faz isso aqui ó... (toque do instrumento) Merengue, Hein? (toque). Repinique, a maioria repinicado. Daí eles 3, eles formam, os três tambores, eles formam o ritmo, o sotaque, né? (Mestre Castro, 2025).

Nesse sentido, os bois do *sotaque* que vieram da Baixada e que estão atualmente sediados em São Luís podem ser considerados como pertencentes ao *sotaque* de Pindaré, já que aderiram às inovações feitas pelo Boi de Pindaré, desde 1960, ano de sua fundação. O fato do Boi de Pindaré inaugurar um *sotaque* que congrega os bois da baixada expressa muito bem a relevância dessa manifestação e mais que isso, expressa como essa manifestação se altera ao longo do tempo.

Quando questiono sobre como os *sotaques* são tratados e trabalhados por estudiosos como os folcloristas como Américo Azevedo Neto, assim se expressa o Mestre Castro sobre o diferencial do Boi de Pindaré:

É o Boi de Pindaré, porque você sabe que o criador, né? Geralmente cria os outros, tenta imitar mais dificilmente, né, vai chegar a conseguir, né? É como o Zé Olhinho canta? É difícil imitar. Porque é na base, essa base, ela é raiz. Ela ficou aqui, nasceu aqui, ela fica aqui, pessoal chega, leva uma parte, mas nunca vai fazer que aqui vai fazer, vai saindo um, vai chegando outro, pequenininho, essa base de raiz, entendeu? Então sai daqui, mas dificilmente vai chegar a imitar, entendeu? Porque aqui é que a raiz original, entendeu? (Mestre Castro, 2025).

No depoimento acima o mestre Castro nos traz uma noção segundo a qual é impossível imitar um cantador de boi, isso porque cada um tem sua peculiaridade, ou seja, diferente da reprodução possível nas relações de mercado, o saber do cantador e mesmo dos que dançam no boi é único e só pode ser repassado a partir da prática.

2.4 Tu não vai, boi não tem: as trajetórias dos chamados amos

Nesse tópico trabalharemos, a partir das referências bibliográficas e das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, com a trajetória dos denominados *amos* do Boi de Pindaré. Privilegiaremos a trajetória de João Cância, Apolônio Melônio, e Bartolomeu dos Santos (Coxinho). Para organizar os dados contamos com as entrevistas realizadas com os senhores Hermínio Castro, conhecido como Mestre Castro, atual *amo* do Boi de Pindaré e o senhor Chico São Pedro, diretor do denominado cordão do boi. O cordão é composto por todos os brincantes do boi, exceto os cantadores e os batuqueiros. E também o senhor Chico São Pedro que é responsável por organizar e conduzir o denominado cordão do boi. Os dois entrevistados falam das diferentes gerações de *amos*, relatando suas representações sobre aqueles já falecidos como João Cância, e Coxinho.

Segundo Martins (2015) João Cância, o principal fundador do Boi de Pindaré, nascido no final dos anos 1920, no povoado Santa Maria, município de Pindaré-Mirim, veio para São Luís na década de 40 e trabalhou como estivador terrestre em São Luís; João Cância possuía muitos dotes, sabia executar todas as funções do boi, como tocar instrumentos, fazer o papel de vaqueiro e compor toadas; além de possuir uma boa relação com as autoridades da época, o que lhe assegurava vantagens. João Cância faleceu em 29 de junho de 1977, dia de São

Pedro.

Podemos perceber isso em entrevista com seu Hermínio, ou Mestre Castro, natural do município de São Bento, atualmente um dos *amos* do Boi de Pindaré, ele é capaz de narrar a história de fundação do Boi de Pindaré somente com as lembranças guardadas na sua mente, é um livro vivo sobre o Boi, apesar de sua fala ser “elaborada” pelo fato de ser muito solicitado por pesquisadores para narrar a fundação e os dias atuais do Boi.

Mestre Castro narra, nesse trecho, como se deu o processo de surgimento e de transmissão de um *amo* para outro, como ele ressalta, era formada uma comissão de 8 a 10 pessoas que estavam à frente do grupo para escolher a pessoa “mais capacitada” para ocupar a posição de *amo* do Boi, essa transmissão se dava por herança ou através de eleição - a partir da morte do então *amo*. Assim como os *amos* mudaram, a sede do Boi também, até se fixar no Bairro de Fátima, onde está situado há mais de 20 anos.

O papel do *amo*, desempenhado pelo chefe da brincadeira, conhecido como fazendeiro, ou o dono da fazenda presente no “auto do boi”, já que esse auto não é algo fechado entre os grupos de bumba-meu-boi, podendo variar de um boi para outro, é de grande importância, uma vez que, sua sabedoria e experiência correspondem ao prestígio que possuem tanto na vida de seus brincantes e seguidores, como para a mídia local. Segundo Martins (2015), segurar o maracá é um dos maiores sinais de autoridade do cantador em um grupo de bumba-meu-boi.

Em entrevista realizada no ano de 2025, com o senhor Castro, ele elabora uma representação sobre o senhor João Cância, ressaltando como o conheceu e os aspectos relacionados à forma como João Cância conduziu o boi, sempre defendendo a dimensão coletiva. Segue trechos da entrevista:

Com o João Cância (a relação) foi muito boa porque no primeiro dia que eu não conhecia ele, né? Nem ele me conhecia. Aí nego falaram quem que era eu, né? A gente chega aqui, depois de passar por 5 brincadeiras na baixada maranhense, entendeu? Aí ele me pegou pelo braço e me botou bem perto de Coxinho e lá fiquei a vida toda, né? (...) Olha, o João Cância, eu lembro mais assim, da maneira que ele acarinhava os brincantes, entendeu? A maneira que ele acolhia os brincantes. É a maneira que ele era organizador, a maneira que ele era repentista, criador de toada, grande cantador, entendeu? E também ele repassava. Ele era uma pessoa que ele deixou o legado dele, que ele era uma pessoa, que ele não escondia nada. Ele, ele queria que a pessoa aprendesse, entendeu? O prazer dele era todo mundo dizer, não chamava “meu boi”, chamava “boi de vocês”, “boi nosso”. Nunca

se apropriava dizendo que a história era só dele, entendeu? E sempre uma pessoa que dizia que era nosso. “Ah, meu filho, tu não vai, boi não tem”. Tu não vai brincar, o boi não brinca. Entendeu? Então ele acarinhava as pessoas de uma maneira que ele conseguia dominar o batalhão com maior facilidade, entendeu?

Apolônio Melônio não foi *amo* do Boi de Pindaré, mas participou da sua fundação, em 1960 quando houve o desmembramento de alguns brincantes do Boi de Viana. Nasceu no dia 23 de julho de 1918, no povoado Canarana, no atual município de São João Batista. Apolônio não teve formação escolar, mas é reconhecido pelos seus brincantes e demais pessoas com quem conviveu por sua gentileza. Em São Luís, trabalhou na estiva marítima onde sobreviveu ao incêndio do navio Maria Celeste, no ano de 1954. Desde sua chegada em São Luís, Apolônio Melônio nunca participou de um grupo de bumba-meu-boi já formado, ajudando a fundar todos os grupos dos quais participou. Quando trabalhava no transporte de caminhões, foi convidado a formar um grupo com pessoas vindas, em sua maioria, do Município de Viana, em 1945, ajudando a fundar o ‘Bumba-meu-Boi de Viana’ de seu Zé Apolônio, do “sotaque da Baixada”, onde permaneceu até 1959 (Martins, 2015).

Em 1960, junto com outros colegas e amigos de trabalho, dentre os quais João Cância, Cobrinha e Coxinho, Apolônio fundou o “Boi de Pindaré”. Nesse período, a sede do Boi se muda para a Floresta, no bairro da Liberdade em São Luís, onde o grupo permanece unido até o ano de 1966. Após dissidências entre os membros do grupo, Apolônio rompe em 1967 com o “Boi de Pindaré”, sob o controle de João Cância, que havia transferido a sede do grupo para o Bairro de Fátima, também em São Luís. Dentre os motivos da ruptura estão questões de ordem financeira, em relação ao investimento dos recursos arrecadados pelo grupo. Nessa separação, Apolônio teria ficado com o nome oficial do grupo - “Boi Paz no Brasil” e com as cores da indumentária, rosa e verde, como narra Nadir Cruz, brincante, artesã e depois companheira de Mestre Apolônio:

Funcionou lá na casa de Apolônio. Eu tenho fotos do boi em frente à Igreja. Então assim, funcionou durante bastante tempo lá e depois houve essa dissidência. Quando se separaram, aí foi a época que João Cância tomou conta do boi. Foi a época em que Coxinho ficou mais em evidência, porque o boi viajou, eles gravaram e continuou sendo aquele boi do momento. Era o boi que era visto em toda a cidade. (Lima, 2008, p. 77-79).

Após deixar o Boi de Pindaré, Apolônio participou de um grupo de bumba-meu-boi no Bairro do Sá Viana. Nesse momento, costumava “brincar” bumba-boi em São João Batista. Em março de 1972, com cerca de 40 brincantes sob sua liderança, dentre estes vários companheiros do Boi de Viana e Boi de Pindaré, Apolônio, estimulado pelo pároco da Igreja da Floresta, fundou o “Boi da Floresta”, oficialmente denominado Turma de São João Batista.

Bartolomeu dos Santos, o Coxinho, compositor da toada “Urrou do Boi”, considerado hino do folclore maranhense, foi um dos maiores compositores, poetas e cantadores maranhenses, nasceu em 24 de agosto de 1910, em Lapela, povoado de Vitória do Mearim. Sua relação com o bumba-meu-boi começou cedo, aos 14 anos. Se mudou para São Luís, e em 1945 integrou os batalhões dos bumbas-meu-boi de Viana e de Pindaré, sendo um dos principais nomes lembrados quando se fala de mestres do bumba-meu-boi maranhense e a história do Boi de Pindaré. Em São Luís, Coxinho viveu no Bairro de Fátima, local em que faleceu aos 81 anos.

No depoimento a seguir é possível observar as representações do seu Hermínio Castro em relação a Coxinho, figura histórica no Boi de Pindaré. Segue trecho da entrevista realizada a sede do boi em junho de 2025, com Mestre Castro:

Ah, o Coxinho, eu falo que o Coxinho foi a voz que alavancou a nossa cultura popular do Maranhão. Porque o que eu sempre falo que a gente cantava é num sistema de esconder, cantando assim, de fora para dentro, né, escondendo as palavras. E Coxinho abriu o verbo, ele cantou, ele abriu aquela voz encantadora dele, ele abriu o verbo e deu pra encantar, é pra pessoa entender, cantou e encantou a população, ele mandou uma mensagem, uma mensagem forte dentro da cultura, mudando o sistema, que era inovado, uma inovação. Encantar, né? Como se fosse um peru cantando, assim um sabiá, né? O Sabiá com aquela voz aguda que todo mundo captou a voz dele, entendeu?

Vale ressaltar que a partir das entrevistas realizadas com mestre Castro, como um *amo* do presente, relata aspectos da sua própria trajetória. Segue o trecho:

No Boi de Pindaré, aí eu cheguei aqui no dia 23 de junho de 1968. Então, o dono, proprietário da fazenda, o fazendeiro era João Cândio dos Santos. E a esposa dele era a dona Libânea. Aí eu cheguei no batalhão, encontrei o famoso Coxinho, né? É conhecido de todo mundo, Coxinho. Aí encontrei Seriacó, encontrei Camaliete, Chico São Pedro cazumbá, aí encontrei o Zé Francisco que foi reconhecido melhor batuqueiro de todos os tempos, entendeu. E muitos cantadores mesmo famoso. Cantinho, Sebastião Gordo, é, e foi uma turma assim que marcou muito a gente, entendeu? Zé Olhinho

tava no boi, Zé Olhinho, Zé banana, Antoninho, tudo era do Boi de Pindaré, entendeu, o seu Antoninho ali do Bom Jesus. Que foi miolo do boi por muitos anos, miolo do boi. O Boi dele era o Capricho do Bom Jesus.

Nesse trecho ele destacou figuras importantes, falando sobre a hierarquia do Boi de Pindaré na época em que entrou no grupo, quando eu lhe questionei sobre em quê (em qual posição ou em que personagem) seu Zé Olhinho (que hoje lidera o Boi Unidos de Santa Fé) brincava, ele responde:

Seu Zé olhinho era... Na época de Coxinho era assim, o João Cância e o Coxinho eram os amos do boi, entendeu? E nós todos era auxiliar, por acaso Zé Olhinho era primeiro vaqueiro que foi miolo por muitos anos, miolo do boi. Aí transformou tudo em cantador, né? Seu Seriacó, seu Zé Olhinho, Sebastião Gordo são os cantadores de destaques, né? Da época, que surgiu da segunda etapa, na segunda geração de cantadores. Substituindo os mais velhos, que tinha Faustino dos mais velhos, tinha Cobrinha, pessoas que eram mais antigos, cantadores mais antigos, tinha o Bijoca também que gravou também CD, foi muito famoso.

Quando pergunto sobre o mestre Apolônio Melônio, que fez parte do Boi de Pindaré e posteriormente criou e liderou o Boi da Floresta, ele responde da seguinte forma:

É, o Apolônio, ele era do Boi de Pindaré também, ele foi um grande cantador. É, o Apolônio... eu tive a oportunidade de conhecer ele. Eu fui uma vez com 14 anos no Boi, e não existia o boi de Pindaré, era o Boi de Viana e lá encontrei o seu Apolônio, aí encontrei João Cância, encontrei Juvenal; então, o Zé Apolônio, fiz amizade com o senhor Dionísio, o Mestre Dionísio, por último, né? Então eu tive oportunidade, eu fui com Braçar, era uma pessoa que foi criada com meu avô, né? E ele considerava ser da nossa família, aí eu fui com ele lá nessa morte de boi e tive a oportunidade de conhecer. Antes de ter o Boi de Pindaré, isso aí foi em 59, e o Boi de Pindaré fundou em 1960, certo? E ele era muito, o Apolônio era repentista, tirador de toada. Certo, de uma maneira bem delicada. O Apolônio Melônio. O Zé Polônio também era cantador, bom cantador de boi. Tive oportunidade de conhecer todos eles, e conviver com eles.

CAPÍTULO 3 - ATOS DE ESTADO E A RESISTÊNCIA NO BOI DE PINDARÉ

3.1 *Quem vai passar no crivo?: o bumba-meu-boi e os Atos de Estado*

O objetivo desse tópico consiste em analisar as representações dos participantes do Boi de Pindaré em relação à categoria tradição e como essas categorias se mostram relevantes para diferenciarem a sua manifestação de outras e da própria lógica referida aos atos de estado. Entretanto, vale ressaltar que essa diferenciação entre as manifestações do Boi de Pindaré e outras, com uma dimensão mais de espetáculo, feitas pelos participantes do Boi, não significa uma total recusa em participar das apresentações nos arraiais. O que a pesquisa apontou, a partir das minhas observações dos diferentes momentos do calendário é que as apresentações pagas ajudam a manter os momentos que poderíamos chamar de mais comunitários do bumba-meu-boi.

Uma das entrevistas fundamentais para pensar a relação da tradição com os atos de estado foi a realizada com a presidente da Associação do Boi de Pindaré, a senhora Benedita Arouche. Realizei com zelo essa entrevista, mas, para o meu azar, acabei perdendo a gravação de áudio, sobrando apenas trechos dessa entrevista, que eu transcrevi parcialmente. Dona Benedita (dona Bitá) é presidente do Boi de Pindaré, desde 2003. Ela relata que após o falecimento de seu pai, seu Sebastião Arouche, precisou se desdobrar para assumir o Boi, uma vez que ela não possuía relação com a brincadeira, mas com muito trabalho, consegue se manter, até os dias atuais à frente do grupo.

A prévia transcrição da entrevista com a senhora Benedita Arouche (dona Bitá) permitiu analisar falas importantes de dona Benedita, como quando ela trata da “manutenção dos costumes, rituais, crenças e o caráter identitário e coletivo para os brincantes, não só interessado em atender ao mercado cultural ou turístico, mas a própria “tradição”, tal como ela a concebe, ou seja, conservando o bailado do grupo, o material de confecção dos instrumentos, a forma como é tocado, os movimentos expressos na dança, a vestimenta, o fato de os dançarinos ou brincantes não terem que seguir padrões estéticos de beleza, e ser mais um grupo de acolhimento e refúgio, um lugar de comunhão de seus participantes.

Quando fui à sede do grupo pela primeira vez, no dia 23 de junho de 2022, diante da nota de esclarecimento que o Boi de Pindaré postou em uma rede

social de que o boi não tinha sido chamado para as principais apresentações dos arraiais de São Luís, questionei a presidente do Boi, dona Benedita Aroucha, sobre o porquê dessa situação, me equivoquei ao fazer a pergunta, que foi: “Por que vocês estão perdendo a tradição?”. Ela me respondeu da seguinte forma:

Tradição a gente não tá perdendo, o que a gente perde é espaço, porque a gente não anda naquela questão de tecnologia, nós ficamos muito atrás, porque a gente fica no antes, ou antes de tudo, como se fosse na década de 1940. Porque ele (o boi) foi fundado em 1940, a gente fica na antiguidade, porque a gente insiste em cobrir com couro de cabra, a gente não vai nessa linhagem de já passar pro nylon, porque eles têm aquelas tranças de nylon, não bota, não usa tecnologia no boi, porque tem gente que já, tem topeira, já fez as saias tudo curtinha. A gente não, a gente ainda continua naquela tradição mesmo, naquele boi de antigo, é o boi de velho, assim porque a gente não tem interesse de mudar nossa tradição, de inovar. (Entrevista com Benedita Aroucha, junho de 2022).

A partir da fala de dona Benedita, como presidente do boi, podemos perceber o desejo dela e do grupo de manter o que denomina “tradição”, que seria nas suas palavras, “cobrir com couro de cabra”, “manter o calendário”, “rezar” e poderíamos acrescentar, conforme percebemos em conversas informais, “manter o pagamento das promessas”. De fato são muitos elementos que compõem para os participantes a chamada tradição, tais como a manutenção dos momentos dos rituais, a velha maneira de fazer a festa do boi, as datas festivas como o batizado, a morte e os ensaios, as características estéticas do grupo durante as apresentações que por vezes são associadas ao atrasado, “boi de velho”, ou mesmo tradicional. Na visão da entrevistada, essas características do bumba meu boi de Pindaré teriam dificultado a contratação das apresentações naquele ano.

A noção de tradição pensada pela senhora Benedita e compartilhada por outros chamados brincantes se compõe de elementos que demarcam uma diferenciação em relação a outros bois, considerados como mais inseridos nas relações comerciais, ou como ela própria alude, ao comércio. Ela diz, em entrevista, realizada em junho de 2022, que o Boi ainda mantém as rezas, as ladainhas, o batizado e a morte. Vejamos:

A gente reza, porque hoje em dia quase ninguém mais reza, a gente reza quando vai batizar o boi, faz a ladainha, que eles fazem sempre quando tem um evento mesmo, de morte, de nascimento, de batizado, mas eles fazem com interesse comercial, e a gente não faz, a gente não pensa só no dinheiro. Eles: ah, vocês vão perder, vocês vão ficar fora porque vocês não inovam. Mas a gente não inova porque a gente não quer, a gente quer

permanecer. Então, assim, cultura, uma cultura tradicional pra turista ver é essa aqui mesmo. (Entrevista com Benedita Aroucha, junho de 2022).

O depoimento da senhora Benedita possui uma riqueza no sentido de demonstrar que na sua representação existe uma identidade criada pelo Estado, no sentido de uma identidade regional ou uma comunidade imaginada (Anderson, 2008), e uma outra identidade, dos próprios integrantes do bumba meu boi. Os sinais diacríticos (Barth, 2000) estariam exatamente ancorados em uma ideia de tradição que remete para relações comunitárias entre os participantes do boi, seja nas rezas, ladainhas ou outros rituais.

A gente não inova muito, a gente vai muito lentamente, é como nosso sotaque, é muito lento, a gente não quer inovar, pra não perder nosso espaço, da gente. A gente perde espaço lá na cultura, lá no olhar do público: ah, esse boi é feio, esse boi é não sei o que. Mas a gente não perde, a gente não pode perder a nossa identidade, então... esse outro pessoal não liga pra identidade, a gente liga. Porque nós temos aqui, nós temos o calendário, do boi. Temos os nossos ensaios, o primeiro sempre no Sábado de Aleluia, ele tem os outros ensaios que é tradicional, mesmo naquela data, o batizado sempre no dia 23/24 de junho. (Entrevista com Benedita Arouche, junho de 2022).

Como essa discussão sobre os calendários, as representações sobre tradição dos participantes do bumba meu boi de Pindaré os próprios sinais diacríticos eleitos pelo grupo se relacionam com os denominados “atos de Estado”? Para Bourdieu (2014), O Estado é essa ilusão bem fundamentada, esse lugar que existe essencialmente porque se acredita que ele existe. Essa realidade ilusória, mas coletivamente validada pelo consenso, é o lugar para o qual somos remetidos quando regredimos a partir de certo número de fenômenos — diplomas escolares, títulos profissionais ou calendário. De regressão em regressão, chegamos a um lugar que é fundador de tudo isso. Essa realidade misteriosa existe por seus efeitos e pela crença coletiva em sua existência, que é o princípio desses efeitos (Bourdieu, 2014).

Deste modo, existe uma lógica do Estado e uma lógica do próprio grupo. Quando os participantes do Boi de Pindaré elegem os seus sinais de diferenciação estão se contrapondo, de alguma maneira à lógica Estatal. Ou seja, conforme coloca dona Benedita Arouche, “*Mas a gente não perde, a gente não pode perder a nossa identidade, então... esse outro pessoal não liga pra identidade, a gente liga*”.

Mas como poderíamos analisar a categoria “tradição” considerando a

representação da entrevistada? De fato, para ela há elementos de tradição, entretanto, a tradição não significa que o boi nunca muda, como ela mesma esclarece a mudança ocorre de modo lento e não necessariamente nos elementos eleitos como sinais diacríticos.

As leituras que fiz quando ingressei no PPGCSPA, me levaram a romper com essa visão sobre o bumba-meu-boi, centrada em uma cristalização de noções que são dinâmicas. Uma das mudanças refere-se a quebra de uma visão idealizada do boi, centrada em noções como “manutenção da tradição”, “originalidade” ou mesmo “costumes mantidos”. Passei a compreender que tais noções não estão presas a um passado, ou seja, a tradição pode ser do presente; a ideia de originalidade, considerada como vinculada a certo primordialismo, não se ajusta à dinâmica dos grupos e aos chamados costumes, que também não são imutáveis. Apesar disso, é preciso estar atento aos sinais que o grupo elege para demarcar suas diferenças e no caso em questão, o que demarca a diferença e consolida a ideia de tradição é a não submissão completa ao mercado, aos chamados bois de espetáculo. Poderíamos questionar essa visão, isto porque, conforme sabemos, o boi de Pindaré se apresenta nos chamados arraiais. De fato, essa é uma situação recorrente, as apresentações pagas e a submissão a editais. Entretanto, tem um elemento de resistência, centrado justamente na manutenção das relações comunitárias, através da manutenção do calendário do Bumba meu boi e de outras atividades que ocorrem na sede do chamado barracão.

A manutenção do calendário, conforme veremos, é uma forma de resistência a esses atos de estado. Os agentes sociais instrumentalizam a mudança de uma forma nativa (Sahlins, 1997), isso significa que as apresentações pagas são uma maneira de manter o calendário, de garantir que o recurso das apresentações seja revertido para a manutenção do calendário, apropriadas coletivamente. Por esse motivo que a senhora Benedita Aroucha diz que o que move o boi não são as relações pecuniárias. Nessa situação, a tradição é mantida para agir em favor de uma coesão social (Hobsbawm; Ranger, 1984).

O questionamento dos conceitos vinculados ao primordialismo não significa uma total eliminação de sua operacionalidade, inclusive nas políticas institucionais, ou mesmo na fala dos próprios integrantes do boi. De fato, essas noções estão cristalizadas nos discursos institucionais, orientando julgamentos e decisões, principalmente em relação aos recursos públicos destinados ao

bumba-meu-boi no período junino.

A unidade social que me propus estudar é o Boi de Pindaré, grupo de bumba-meu-boi situado no Bairro de Fátima em São Luís do Maranhão e que tem a “tradição” como ponto de caracterização da sua forma de fazer boi, em relação ao que se vê em outros grupos, para eles, a manutenção da “tradição” é de suma importância, seria uma forma de resistência às inovações. Essa visão de tradição é utilizada para se contrapor e se diferenciar de outros grupos de bumba-meu-boi, que veem a manifestação como espetáculo e meio comercial. Aqui é relevante diferenciar a “tradição” utilizada no âmbito das instituições oficiais e regionais da ideia de tradição para os próprios brincantes do Bumba-meu-boi de Pindaré.

Na entrevista, infelizmente sem uma transcrição integral, a dona Benedita deixa claro o interesse em manter alguns costumes, seus rituais e suas formas de fazer o Boi, dessa forma, ela destaca que querem permanecer, que não querem inovar, que a cultura tradicional do Boi de Pindaré não precisa de inovação para se manter no presente, pelo contrário, essa forma de resistir às inovações têm sido, para o grupo, uma forma de se destacar e se diferenciar dos demais grupos de bumba-meu-boi.

Quando se fala em “tradição” e “costume” no Boi de Pindaré é preciso compreender como os agentes sociais vivenciam a tensão entre manter sua maneira própria de fazer o ritual e as exigências do Estado. Como o bumba-meu-boi se tornou uma manifestação representativa da identidade regional, durante o São João os bois são pagos para se apresentar e, mesmo que os bois mais novos sejam mais valorizados, os bois mais antigos também são considerados mais originais, agradando o público. Essa inserção dos bois no mercado, no caso daqueles mais antigos, não elimina o calendário dos próprios agentes sociais da comunidade.

Então, outra questão a ser considerada diz respeito à representação que o próprio brincante tem das suas práticas, como momentos de interação social e de produção de saberes. Mas, no caso do Boi de Pindaré, a representante ou presidente, dona Benedita se ressentiu de o boi não ter sido chamado para se apresentar em arraiais da programação oficial do São João de 2022. E na sua justificativa reforça o valor do bumba-meu-boi como um dos mais antigos do Maranhão. Ela denuncia o valor dado pelo Estado a grupos de bumba-meu-boi mais recentes, que se preocupam mais com uma “estética para fora”, com a beleza das índias e o brilho artificial das indumentárias.

O bumba-meu-boi representa certa “tradição” para o estado do Maranhão, uma vez que constitui uma forma de identidade para o Estado. Segundo Eric Hobsbawm e Ranger (1984), a tradição é inventada, é uma criação ideológica com interesses políticos, sociais, culturais e econômicos, funciona como uma forma de “emblema”, como uma bandeira para a nação. Nesse caso, para o Estado, no que diz respeito à criação de uma identidade regional, o bumba-meu-boi a caracteriza e personifica uma noção de “manifestação regional”. Desta forma, o bumba-meu-boi é para o Maranhão uma forma de “tradição inventada”, já que caracteriza a cultura local do ponto de vista institucional, vejamos o que diz Hobsbawm:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawm, 1984, p. 9).

No entanto, as “tradições inventadas” estabelecem com o passado histórico uma continuidade bastante artificial. É necessária a persistência dos velhos costumes para mantê-la. A tradição, no sentido atribuído por Hobsbawm, se diferencia do costume, pois esse último se caracteriza por sua invariabilidade, e por práticas tais como a repetição. A queda de um costume modifica a tradição ao qual ele está associado, inovações que são como adaptações das tradições, na tentativa de conservar o costume.

A partir da fala de dona Benedita, como presidente do boi, podemos perceber o desejo dela e do grupo de manter a “tradição”, de manter os momentos dos rituais, a velha maneira de fazer a festa do boi, as datas festivas como o batizado, morte e os ensaios, as características estéticas do grupo durante as apresentações que por vezes são associadas ao atrasado, “boi de velho”, ou mesmo tradicional.

Considerando a ideia de tradição, Thompson (1998), em *Costumes em comum*, afirma que Peter Burke escreve *Cultura popular na idade moderna*, sobre o surgimento do *folclore*, entende uma “pequena tradição” plebeia, seus estranhos hábitos e ritos registrados; Burke (1989) via costume como “antiguidades”, resíduos do passado.

Sobre continuidade e manutenção dos costumes pelo Bumba-meu-boi de Pindaré podemos trabalhar com Thompson (1998), que afirma que a transmissão da

cultura normalmente se dá por meio da oralidade, uma vez que na camada popular (...) os costumes eram transmitidos oralmente, através da memória dos idosos, e nelas tinham que confiar:

A cultura popular, inflexão antropológica, é uma perspectiva ultraconsensual. Cultura é um conjunto de diferentes recursos, estabelece uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole, ou seja, uma arena de elementos conflitivos que apenas sob uma pressão imperiosa assume a forma de um sistema. (Thompson, 1998, p.17).

Quando questionada sobre o papel social que o Boi de Pindaré desempenha na vida do seu brincante, Benedita Arouche afirma que o grupo tem um papel de acolhimento, que o Boi de Pindaré é uma família; além de realizar projetos de incentivo para a vida dos brincantes. Um dos mais atuais, desenvolvido pelo músico e professor Marcos Lamy, trabalha com as crianças do Boi de Pindaré, o projeto iniciado em 2023 com a criação da Banda Pindaré-Mirim para ensinar o uso dos instrumentos pelas crianças e estimular trocas de experiência entre elas, socialização e entre elas e os idealizadores do projeto. Quando perguntada sobre essas ações, dona Benedita responde da seguinte forma:

Quando a gente faz por exemplo... um evento aqui, a gente sempre dá alimentação, dá aquela assistência para nosso povo, porque todos nós aqui somos pobres, todos nós, pessoal aqui é da linha abaixo de pobreza, então é o carroceiro, é o catador... então a gente não pode inovar, não pode querer alcançar um campo, tirar toda a nossa roupagem e botar outra se nosso povo não é assim. A gente é assim mesmo. (Entrevista com Benedita Arouche, junho de 2022).

Desta forma, a ideia de pertencimento e identidade é colocada pela noção teia de indivíduos com interesses em comum, que segundo Geertz (1978), a partir de Weber (2000) ao escrever *Economia e Sociedade*, formam um grupo social, quando trata da relação social e o sentimento de pertencimento do brincante em relação ao grupo.

Uma relação social denomina-se uma “relação comunitária” quando e na medida em que a atitude na ação social repousa no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente ao mesmo grupo (Weber, 2000, p.25).

À medida que o agente social, nesse caso, o brincante se sente

pertencente ao grupo, nesse caso, ao Boi de Pindaré, seja pelo afeto, relação criada a partir das relações de amizade, parentesco, compadrio, solidariedade, vizinhança; seja pela tradição, pelo costume ou pelo hábito de fazer boi, eles comungam do mesmo sentimento, o de pertencer ao mesmo grupo. Isso é evidenciado pela fala de dona Benedita:

O grupo significa para o brincante, além de uma forma de lazer e socialização, um espaço de acolhimento, em que os responsáveis pelo grupo, sobretudo os mais velhos, se tornam responsáveis por ele. Porque quando o brincante tá aqui, ele se sente especial, vou dar o exemplo do Caboquinho, que mora ali, é carroceiro... porque quando ele tá aqui, que ele veste a roupa dele, ele se acha importante, eu sempre falo isso assim... que ele tá tendo o olhar pra ele, quando a gente faz uma festa aqui, tem a participação dos brincantes já garantida, tudo pra ele já tem garantido aqui. Então ele se sente acolhido, então é essa parte social que a gente puxa, levanta a pessoa. Porque, por exemplo, vocês que são já estudantes, quando eles veem alguém que estuda, eles abaixam a cabeça, porque eles não tem estudo. Eu também não tenho, tenho muito mal, vim da Baixada pra cá, mas eu fui acolhida. Então, essa acolhida desde que eu cheguei aqui, eu fui mesmo. Então, tem uma apresentação, alguém não tem sapato, a gente dá sapato, não tem roupa, dá roupa. Vai pra apresentação, janta, volta da apresentação, janta de novo. Muitos deles a gente conseguiu tirar da rua, que usava drogas, que chama pra cá, fazendo projeto, puxando pra cá, pra gente mesmo, fazendo camisa... (Entrevista com Benedita Arouche, junho de 2022).

O bumba-meu-boi é uma manifestação da cultura maranhense, dessa maneira, se insere na descrição feita por Thompson (1998), que afirma que populares diz respeito ao corpo de pessoas de baixo poder aquisitivo, que fazem da sabedoria popular e da brincadeira de rua um meio de divertimento.

É importante ressaltar que a noção de “boi tradicional” amplamente valorizada na mídia local e, por vezes, pelos próprios representantes do bumba-meu-boi é uma construção social; a noção de boi considerado tradicional vem acompanhado de outras como a noção de “original”, de “típica” ou “de raiz”.

As leituras durante o Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia me levaram a repensar algumas dessas categorias, vinculadas a um momento da antropologia, quando predominavam os trabalhos dos “folcloristas”. Atualmente, essas categorias vinculadas a noções “primordiais” precisam ser repensadas. Ocorre que essa noção de “boi tradicional” orienta as classificações dos próprios agentes sociais, denominados como “brincantes”; porém, é necessário fazer um paralelo com a literatura acadêmica para tentar compreender, refletir sobre essa ideia de tradição defendida pelos brincantes.

Os entrevistados utilizam a categoria fundamento para ressaltar a importância em manter a tradição das rezas, promessas e relações sociais entre os brincantes. São esses denominados fundamentos que não podem mudar e que precisam se manter de acordo com os tempos mais antigos. Isso não significa, no entanto, que o boi não passe por mudanças, conforme vimos, a própria criação do sotaque de Pindaré, demonstra uma mudança em relação ao boi de Viana, que deu origem ao primeiro boi citado. Segue a descrição do seu Castro sobre a categoria fundamento:

Olha, o Boi de Pindaré, na realidade, vem passando de geração pra geração, né? Sempre tem alguma modificação, só que o Boi de Pindaré pelo tempo que ele tem, né? Pela vida que ele tem, 65 anos hoje, né? E manter esse padrão ainda, manter esse padrão ainda de muitos feitos aí ainda, de 30, 40, 50 anos não é fácil não, porque hoje joga muito através da imagem, através do exibimento, né? Através das coisas, é inovações, né? Inovações. E a gente mantém ainda muitas coisas que dentro daquele fundamento da fundação, entendeu? Quer dizer, segurança, base. É... Como é que eles chamam? Resistência, resistência, entendeu? Não desistência, mas resistência, para manter esse padrão de resistência. (Mestre Castro, 2025)

Não podemos desconsiderar ou invalidar a pretensão dos próprios agentes sociais ao se considerarem um grupo tradicional; essa não será uma tarefa fácil, mas árdua e de muito empenho. Utilizar os conhecimentos que obtive na academia, os conhecimentos dos populares, pessoas comuns que fazem essa manifestação da cultura popular maranhense.

O bumba-meu-boi maranhense pode expressar aspectos ligados às memórias e identidades dos seus grupos culturais. Mencionamos a memória, segundo Pollak (1992 [1987]), como um fenômeno psicossocial construído com aspectos individuais e coletivos, suscetível a marcos invariantes e fatos de mudança constante a partir da oralidade, e inseridos em contextos histórico-políticos. Esse fenômeno, para o autor, seria também um elemento constituinte da formação da identidade, cujas fronteiras coletivas estariam no âmbito do sentimento de pertencimento a um grupo. (Silva; Leal, 2023, p 2).

Em relação à preservação da memória do Boi de Pindaré, uma série de ações são realizadas com a finalidade. Nas entrevistas ou conversas com os representantes do Boi, eles demonstram preocupação em dar continuidade à brincadeira. Nas entrevistas é observada a coesão nos relatos, tal como afirma Pollak (1992), uma fala elaborada e permanente. Em entrevista de grupo,

percebemos que o entrevistado só informa o que deseja. Essas respostas caracterizam a memória do grupo, uma vez que esta vai sendo construída a partir da história oral, que depende da lembrança dos mais velhos e de suas narrativas (Thompson, 1998).

Com relação às novas gerações, é expressiva a quantidade de crianças e jovens fazendo parte do “cordão” do boi, entre eles: cazumbas, índias, índios e batuqueiros. Cazumbas, também denominados palhaços da brincadeira, são representados por brincantes animados que utilizam roupas de tecidos estampados e brilhosos, e grandes máscaras, chamadas de “caretas”, que remetem aos elementos da natureza como animais ou aos ancestrais, típicos da cultura africana. Esse costume das máscaras foi trazido para o Brasil pelos negros escravizados. O chefe dos batuqueiros do Boi de Pindaré, seu Nato, afirma que: “nunca se deve subestimar a capacidade do batuque de um menino, pois futuramente ele pode se tornar um grande batuqueiro.”

Nesses elementos e nos modos de fazer o boi consiste a paixão pela brincadeira e a devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal. As toadas compostas e cantadas pelo grupo são fontes memoriais que retratam o cotidiano boieiro na “fazenda” (sede ou barracão do boi) onde acontece a preparação para a “boiada” (festas, apresentações e o auto do boi):

[...] memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é o comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socio-culturais. (...) Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza de “comunidade coletiva”. (Pollak, 1989, p. 3).

O sentimento de pertencimento encontra-se nos brincantes do Boi de Pindaré. O grupo se torna um espaço de acolhimento para aqueles que por vezes ainda não encontraram um lugar no conjunto de fatores socioculturais que envolvem o Bairro de Fátima. Benedita Arouche (dona Bitá), presidente do Boi desde 2003, relata que após o falecimento de seu pai, Sebastião Arouche, herdou o boi como uma missão, pois ela não brincava até herdá-lo.

O que tornaria o Boi de Pindaré único? Sr. Nato afirma que é o batuque, segundo ele “*o mais bonito que existe em São Luís, com seu caráter marcado e*

acelerado”. Dona Benedita diz que é “*sua característica simples, acolhedora e familiar, pois o boi é integrado por parentes e amigos.*”

Vale destacar que na entrevista com a senhora Benedita, ela questiona os chamados Editais, esses que estão dentro de uma lógica vinculada aos Atos de Estado, vejamos sua entrevista, realizada em junho de 2022:

Todos os anos os órgãos públicos de cultura do Maranhão lançam editais de credenciamento para as brincadeiras que queiram integrar a programação junina oficial. Todos os anos nós nos submetemos, como os demais grupos, à exigência do edital e cumprimos todos os critérios solicitados. Mesmo assim, todos os anos somos contemplados injustamente com uma quantidade ínfima de apresentações, o que não corresponde à importância da nossa presença e nem das necessidades de manutenção do grupo. (Entrevista com Benedita Aroucha, junho de 2022).

Esse trecho da nota de esclarecimento foi postada na rede social do Boi informando o descaso do poder público ao deixá-los de fora dos principais arraiais do São João de São Luís, trazendo consequências para a visibilidade e manutenção do grupo, pois essa questão está relacionada com o modo ou frequência com que o grupo é visto, e a manutenção financeira dele, que depende do pagamento do dinheiro das apresentações para sua manutenção.

Em relação ao mercado, logo com as primeiras informações que tive sobre o bumba-meu-boi de Pindaré, através do Facebook, a questão da relação com o poder público já se colocava, questões como não pagamento ou mau pagamento de cachês nas apresentações pagas. Quando decido pesquisá-lo, os representantes do Boi de Pindaré, que possui mais de cem brincantes, reivindicavam sua colocação nas apresentações e, conseqüentemente, com suas aparições nos principais arraiais da cidade. Segue outro trecho da nota veiculada na rede social do Boi:

O Boi de Pindaré é o grupo da baixada mais antigo em São Luís. Fundado em 1960 por estivadores e migrantes baixadeiros, deu origem ao sotaque de Pindaré ou sotaque da baixada na capital, possibilitando o nascimento de novos grupos com este mesmo formato. É incontestável a importância histórica e cultural do Boi de Pindaré para o bumba-meu-boi do Maranhão, assim como para a cultura popular brasileira. Publicizamos essa questão com a esperança de que a situação mude. Estamos aqui denunciando um processo de invisibilização institucional do Boi de Pindaré, assim como de outros grupos no São João do Maranhão. No ano de 2019 o Bumba boi foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, é dever das forças das instituições públicas de cultura zelarem por nossas tradições e não contribuir para que elas desapareçam. (Nota divulgada no facebook)

Em entrevista, dona Benedita Arouche afirma que o grupo deveria ser

respeitado por possuir toda sua documentação em dia, de acordo com o edital das secretarias de cultura, municipal e estadual, que fazem exigências para os grupos de cultura se apresentar no São João, em São Luís:

Não, porque a gente entrou lá não foi pedindo, foi através da nossa habilitação com documento. Porque aqui a gente faz todo esforço, tem toda a documentação, é um boi velho, mas temos toda documentação, nossa história, então a gente não quer que ninguém mexa nela e jogue fora, ah não presta; não presta pra você, mas pra mim presta... (Entrevista com Benedita Aroucha, junho de 2022).

Quando questionei sobre o significado de cultura em entrevista realizada em 30 de setembro de 2023, mestre Castro responde sobre uma relação do Estado com as manifestações da cultura popular:

Porque assim ó, o estado tomou uma postura paternalista. Como? Porque antigamente os grupos eram independentes, né? Cada qual cumpria a sua funçãozinha e o boi saía. Não tinha a ajuda do estado, aí na década de 1980 essa paternalização se deu em função de quê? Do turismo. Então o estado tem uma postura paternalista em cima das brincadeiras como se desse dinheiro mas eu quero vocês no dia tal e tal hora. Então o boi hoje não se expressa de forma independente. Quem é mais velho, hoje o boi não faz mais zoadas no bumba-meu-boi porque hoje ele tem um horário limitado pra se apresentar aqui, ali e ali em vários pontos. Então quem tutela tudo isso? É o estado! Não são as brincadeiras. São as secretarias que tutelam isso. Hoje você vai pra cá, amanhã você vai pra ali e como ela falou, eles vão pagar no dia que eles bem entender. Então houve uma modificação, né? Houve uma mudança muito brusca em função disso, dessa maneira de fazer. Quer dizer, os grupos hoje não têm mais essa independência de se expressar com independência. Não tem mais isso. Não! Hoje o estado tutelou, tanto faz ser o Carnaval como o bumba-meu-boi. Esse conceito de cultura que você fala aí, que você disse... Onde o povo se faz presente na medida que se respeita e se preserva a cultura. Então se você respeitar como ele faz e como ela faz, a cultura permanece. Permanece o status que ela tem toda uma postura, no momento em que o estado tutela, ele que vai ditar as normas. Eles não têm mais independência. Entendeu? Porque modificaram nossa linguagem. Não podemos mais falar com a liberdade. (Mestre Castro, 2023).

Os entrevistados utilizam a categoria *fundamento* para ressaltar a importância em manter a *tradição das rezas, promessas* e relações sociais entre os brincantes. São esses denominados *fundamentos* que não podem mudar e que precisam se manter de acordo com os tempos mais antigos. Isso não significa, no entanto, que o boi não passe por mudanças, conforme vimos, a própria criação do sotaque de Pindaré, demonstra uma mudança em relação ao boi de Viana, que deu origem ao primeiro boi citado.

Segue a representação de seu Hermínio Castro sobre a relação do Boi de Pindaré com o mercado, quando questionado se resistir ao mercado cultural, no sentido de resistir às inovações desse mercado, impostas pelo Estado, é uma forma de se manter no presente.

É o boi, é porque essa resistência é porque ele é responsável. Quando você é, quando você cria uma coisa, você é responsável e os outros não estão nem aí. Não foi eles quem criaram, eles saíram daqui, fizeram outra inovação. Mas quando você tem uma responsabilidade, de uma matriz de uma história, a história é sua. Porque é uma dinâmica, você vai aqui, o outro já vai contar completamente diferente, já sai outro para lá para formar completamente diferente. E essa estabilidade quem cria, olha, fez assim, aprendi minha avó dizendo isso, rezando foi assim, assim, cantar desse jeito, desse jeito, fazer esse jeito mantém com aquela coisa, porque você tem a responsabilidade daquilo ali, entendeu? Não tem mais a responsabilidade. Eu dou exemplo muito Boi de Parintins. Eu tive a oportunidade de conhecer lá no Amazonas, mas não é esse mesmo sotaque daqui. Mas ele não tem essa responsabilidade, de manter, dessa criação, desse sotaque. Então, eles modificaram e fizeram, modificaram, modificaram a maneira de cantar, né? Transformaram letra em música, não tem essa responsabilidade, a gente tem por que a gente é a raiz. (Hermínio Castro, 2024).

A relação com o mercado parece ser pensada pelos representantes do Boi de Pindaré, funcionando como um tipo de relação que, mesmo voltada para os turistas, aproximando-se de uma festa, ao invés de um ritual, garante as outras etapas – ensaio, batizado e morte – mais relacionadas com as relações comunitárias. Na entrevista abaixo o mestre Castro explicita sobre a relação com o que denomina comércio ou mercado, correlacionando essas noções com a ideia de tradição.

É, mais mercado, é comércio, porque é comércio cultural, entendeu? E sempre uma independência. Entendeu? Porque as famílias aqui é humilde, mas sempre procura ter sua independência todo mundo, entendeu? Se o boi brincar, ou não, todo mundo tem sua independência. Procuramos zelar esse lado aí de não viver através do boi, o boi tem que viver através da gente, não nós viver através dele, porque não esperávamos por acaso o Boi faturar para poder nós sobreviver, entendeu? Que tá aí segurando até agora, entendeu? (Mestre Castro, 2025)

Já é possível percebermos na fala de Mestre Castro, um desejo em inovar, não só de manter no antigo, mas resistindo no sentido de que os rituais serão mantidos, nisso consiste a resistência no Boi de Pindaré, é a tradição como algo dinâmico e que resiste ao novo, mas que isso precisa ser mantido pelas novas gerações, por isso o desejo dos mais velhos passarem seus conhecimentos aos

mais jovens, porque o aprendizado no bumba-meu-boi é geracional, e ensinada através da oralidade.

É, olha na realidade a gente tem que ser claro, né? Evidente que tem que ser claro; se você manter vivendo a tradição, você fica pra trás. Você daqui pra frente, se você for manter a tradição, você ficar pra trás. Porque não tem reconhecimento tradicional. Tem vezes que eu até falo, “ah, tem que até falar essa palavra salvar, entendeu? Porque se você ficar mantendo, mantendo, mantendo, uma hora, você... Some, desaparece, tá entendendo? É porque é a competição. A competição, é imagem e tal, abrir e coisa e muda de geração, certo? Essa geração nossa, nós já somos bem pouquinho, bem pouquinho. Mas permanecer pra cá, continuação: tradição, tradição... Infelizmente fica para trás. Com a evolução de tempo, né? A renovação das coisas acompanha junto com as novas gerações, entendeu? (Mestre Castro, 2025)

Quando questiono sobre a relação do Estado com os amos, com os fazedores da cultura, Mestre Castro responde da seguinte forma:

Não. Olha, o governo hoje, ele faz a parte, é a parte. Eu diria assim, a parte democrática dele, né? Mas a parte dele porque é o que é feito para todos, só que cada brincadeira tem o interesse, tem que ter seu interesse, a maneira de cativar, a maneira de correr atrás, entendeu? Pra chegar primeiro programa, joga o programa aí. Porque é um projeto, né? Todo mundo correr atrás pra se inscrever, então o sistema governamental é isso, municipal, estadual e federal joga esse projeto, os editais, entendeu? Para não fazer, para a gente se virar. Ah, para todos. Agora esse todos tem que saber, né? Quem é que vai alcançar o objetivo, quem vai ganhar a trave, que vai alcançar o objetivo, vai conseguir passar no crivo para chegar lá até o objetivo dele, que ele quer, entendeu? Quem vai passar no crivo? (Mestre Castro, 2025).

Mestre Castro afirma que *vai passar no crivo* aquele que atender, por exemplo, às exigências do Estado, dessa forma, a cada temporada junina, os governos municipais e estadual se responsabilizam em lançar editais, assim estaria *fazendo a parte democrática dele*, nas palavras de seu Hermínio, e os grupos de bumba-meu-boi teriam que se virar pra conseguir se encaixar, conseguindo lugar de apresentações, por exemplo. Então, existe uma questão burocrática que os bois devem seguir para atender aos critérios do Estado.

Os atos de Estado (Bourdieu, 2014) são direcionados para diferentes setores da sociedade civil e, para que se institua se faz necessário uma série de procedimentos por parte da administração pública. Bourdieu, ao tratar desse aparelho burocrático enfatiza a justificativa utilizada para proclamação desses atos os interesses coletivos. Nesse sentido, a publicação de um edital, ou a formação de

uma comissão, se constitui em um ato que visa, em última instância, contemplar uma coletividade. A análise que fizemos dos Editais lançados pela Secretaria do Estado e Cultura do Maranhão, com vistas à contratação das atividades do São João, nos mostram que o fato de ter uma seleção com critérios exigidos como obrigatórios, é restritivo, ou seja, não atende a uma ampla coletividade.

No sentido descrito acima, e, por sugestão da banca da qualificação deste trabalho, trago alguns elementos reflexivos, tomando como referência o Bumba-meu-boi de Pindaré. Tais reflexões são centradas na análise de três editais lançados pela Secretaria do Estado e Cultura do Maranhão, direcionados ao que o Edital denomina como Credenciamento Cultural do Ciclo Junino. Tomamos como referência os Editais dos anos de 2022, 2023, 2024 e 2025.

Observamos que a estrutura dos Editais se repete todos os anos, com alterações somente das datas, número de contemplados e valores a serem repassados. São vinte itens, cada um deles com normas a serem seguidas, documentos a serem apresentados, critérios de julgamento, penalidades caso não atendam a prestação de contas, dentre outros, conforme os editais em anexo a esse trabalho.

Os editais descrevem que o seu objeto centra-se no Credenciamento de Artistas, Grupos e Coletivos Culturais para compor, quando convocados, a programação dos eventos oficiais e apoiados pela Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão – SECMA. A finalidade seria planejar, coordenar e executar a política estadual de cultura, bem como administrar os espaços culturais, promover formas de produção cultural a partir da realidade local e estabelecer um calendário integrado de eventos e ações com as secretarias afins.

Os Editais são abertos, em geral no mês de abril, a seleção realizada e a contratação das apresentações ocorrem poucos meses antes do início das apresentações juninas que ocorrem no mês de junho. Esse é um ponto importante de reflexão, isto porque, conforme explicamos, o calendário dos grupos a nível interno é bem mais amplo, compostos por morte, ensaios e batizados. Ou seja, os atos de estado contemplam somente as apresentações em arraiais, o que reforça o argumento defendido nesta dissertação, de que os grupos têm como estratégia, para manter as relações comunitárias, a inserção no mercado.

Um outro ponto a ser destacado diz respeito ao fato do edital ser direcionado para uma gama ampla de categorias, para além do bumba-meu-boi, dentre elas:

apresentações teatrais, bandas e shows, bumba meu boi, cordel e repente, danças regionais, forró, tambor de crioula, apresentações musicais e grupos alternativos.

A seleção dos grupos de bumba-meu-boi depende ainda de uma categorização realizada pelo Conselho Estadual de Cultura, classificando os grupos em categoria A, que recebem cachê de 7 mil reais; categoria B que recebem 6 mil reais, e categoria C que recebem 5 mil reais. Segundo informações concedidas pela presidente do grupo, dona Benedita Arouche, o Boi de Pindaré faz parte da Categoria A e recebe 7 mil reais de cachê a cada ano e conta com 10 apresentações inseridas na Programação Oficial do São João do Maranhão.

O fato de não ter um edital direcionado ao bumba-meu-boi dificulta o estabelecimento de critérios, ou seja, o edital não possui um detalhamento referido às características do bumba meu boi a ser contratado, somente citam os tipos de sotaque, sem detalhar os critérios de seleção. Ao invés disso apresenta uma descrição genérica, transcrita a seguir: Dança do folclore popular brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, que gira em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi. Os grupos de Bumba meu Boi tem os seguintes sotaques: baixada, costa de mão, matraca, orquestra, zabumba. Essa definição, com inspiração folclorista, desconhece que o bumba meu boi é formado por pessoas reais, com uma vida social definida.

3.2 A comunidade é a água e o capim do boi. O Calendário e as resistências

As apresentações no período denominado como junino são relevantes para o bumba-meu-boi, entretanto, há uma série de outros momentos, mais ligados a uma ação comunitária (Weber, 2000), que fortalecem as relações sociais dos integrantes. Dentre esses momentos destaca-se o batizado, a morte, os ensaios e a realização dos projetos ao longo do ano. Conciliam as apresentações mais externas com outros momentos de fortalecimento dos laços comunitários. No âmbito da pesquisa observei os seguintes momentos: A oficina de bordado, a oficina de música para as crianças, as festas e eventos da própria comunidade ou de brincantes do boi e/ou do tambor de crioula realizados na sede, entre outros.

Há diferença entre os rituais, relacionados aos momentos definidos pelos próprios agentes sociais e as apresentações de promessa, realizadas, sobretudo na

casa de devotos dos santos juninos, e ainda há as apresentações pagas, marcadas por responsáveis pelos arraiais ou por agentes do poder público. Para as pessoas do bumba-meu-boi, os dois momentos são importantes e as apresentações pagas são valorizadas porque através delas, eles passam a ter as condições para realização de todas as etapas da festa.

Com relação ao calendário, podemos dividi-lo em cinco momentos: Os ensaios, o batizado, as apresentações pagas em arraiais, a ida à capela de São Pedro e a morte do boi. Segue uma sistematização dessas etapas:

Quadro 2 - Descrição dos momentos do Calendário do Boi de Pindaré

Etapas	Quando acontece	Quem participa	Onde é realizado	Em que consiste
Ensaio	Começam no sábado de aleluia, são realizados de 3 a 4 ensaios oficiais, até o dia do Batizado.	Prioritariamente pessoas do Boi de Pindaré e dos bairros próximos, e também recebem visitantes.	Na sede do Boi de Pindaré, localizada no Bairro de Fátima.	Preparação para as apresentações – as pessoas ainda não estão vestidas com as roupas de boi.
Batizado	Dia 23 de junho, véspera do Dia de São João Batista (24 de junho).	Todos os brincantes do Boi, os padrinhos, e os admiradores do grupo.	Na sede do Boi de Pindaré.	Batizado do couro do boi, momento de ritual em que é rezada a ladainha, pelo <i>amo</i> João do Sá Viana e o Boi recebe a bênção dos padrinhos. Momento em que os brincantes revelam a nova roupa e novos bordados para as pessoas presentes.
Apresentações pagas	Sobretudo durante os meses de junho e julho.	Brincantes do Boi, simpatizantes e acompanhantes do Boi, e o	Arraiais oficiais espalhados pela cidade de São Luís, MA.	Apresentações mais estruturadas em que os “subgrupos”

		público em geral.		(cantadores, batuqueiros, baiantes, cazumbas, miolos dos dois bois, burrinha, Catirina e Pai Francisco) se apresentam, seguindo uma ordem e normalmente em palcos.
Capela de São Pedro	Noite do dia 28 para o amanhecer do dia de São Pedro (29 de junho).	Brincantes do Boi, simpatizantes (acompanhantes do Boi) e público em geral.	Terreiros, casas de promesseiros, Praia da Ponta D'areia, Casa das Minas, Capela de São Pedro, Largo da Capela de São Pedro.	O Boi sai da sede em direção a apresentações pagas e/ou de promessa, em bairros como Lira, Areinha, Vila Passos, Jaracati, locais onde existem terreiros de religiões de matriz africana e casas de promesseiros, vão para a Praia da Ponta D'areia para cumprimento de ritual aos ancestrais, que classificam como obrigação. Depois o grupo vai em direção a Capela de São Pedro, se concentra atrás do cemitério do Gavião, passando pela Casa das

				<p>Minas, onde também cumprem obrigações e passam por rituais e descem para o largo da capela para subir a escadaria; o miolo, o chefe dos índios e alguns outros brincantes pagam suas promessas a São Pedro, o Boi de Pindaré é o último a subir a escadaria da capela. Muitos incorporam, chamam os encantados, e professam sua fé.</p>
Morte do Boi	<p>Não existe uma data fixa para a morte do Boi, mas ela acontece principalmente entre os meses de agosto (como em 2024) e setembro (como em 2023 e 2025) a depender da intensidade das atividades do Boi.</p>	<p>Os brincantes, os promesseiros, as pessoas da comunidade do Bairro de Fátima, que tem suas casas visitadas pelo boi, na busca pelos bolos e na realização dos rituais e rezas para a morte.</p>	<p>Na sede do Boi de Pindaré, localizada no Bairro de Fátima.</p>	<p>São três dias da festa da morte do Boi, onde no primeiro dia, o Boi sai da sede para brincar em casas de promesseiros e apresentações pagas; no segundo dia, o Boi busca o mourão (que lhe é dado de presente); depois se dá o ritual de morte do primeiro boi, onde um vaqueiro</p>

				precisa laçá-lo, lhe cortar a língua e matá-lo, e o público presente é convidado a tomar seu sangue representado por vinho tinto. No terceiro dia se dá a morte do segundo boi e da burrinha, a quebra do Mourão e a distribuição dos bolos.
--	--	--	--	--

Fonte: Autoria própria (2025)

Ressalto que acompanhei esse calendário nos anos de 2023, 2024 e 2025 e percebi que, apesar da sequência ritual, a cada ano ocorrem mudanças, ou seja, algumas datas não são completamente fixas e os arraiais de apresentação variam de ano a ano.

Os fundamentos da resistência estão nos rituais de morte, batizado e nos ensaios, se pensarmos nas etapas do boi, entretanto, as resistências estão também nos momentos de rezas e na realização das promessas. Para entender esses momentos como resistência é preciso pensar que são esses elementos que estão à margem do mercado e que levam os brincantes a resistir e continuar praticando e exercitando a dimensão coletiva do ritual. E aqui utilizo a concepção de ritual de Victor Turner (2013), como formado de etapas com momentos especiais. Já as apresentações nos arraiais, que também fazem parte do calendário, servem para manter os chamados rituais e esses momentos, quando o bumba meu boi se apresenta para um público mais amplo, por vezes para turistas, presencia-se um momento de “festa”, com o pagamento pela apresentação, obtido, por vezes através da concorrência nos denominados editais.

O depoimento a seguir, descreve bem esse elemento de resistência dos rituais de Bumba-meu-boi, segue o depoimento, quando pergunto a respeito da

importância dos rituais:

Essa é a importância dos rituais que a gente traz dos nossos avós. Quando começou o boi, era tudo com promessa. Tudo era promessa. Quando a gente perde esse sistema de não rezar, de não cantar, não salvar o santo, a gente perde. Eu diria parte da alimentação da gente espiritual. A gente está cantando só para o povo, dizer, “Ah, não ligou, não rezou, não abençoou”, entendeu? Não fez isso aí. Aí você se desligou do santo. Que é pra Ele (a festa). Quer de onde? Você canta, lamenta, chora, joga porque é na parte espiritual, e acredita e tal, que é milagroso, São João, São Benedito, São Pedro, São Marçal, Santo Antônio. Isso aí é a fé, entendeu? Sim, no momento que você desliga, você está perdendo a fé. Você está perdendo a fé, essa é a parte da que tem que permanecer com as rezas, com louvores dentro da entidade, né? Quando você fala, da casa do barracão, entendeu? (Mestre Castro, 2025).

Mestre Castro faz lembrar, através desse depoimento, da importância do ritual na festa do bumba-meu-boi, que é feita em devoção aos santos juninos. Afirma que quando se perde o costume de cumprir com a obrigação para o santo, o ritual não está sendo feito e a troca entre o fiel e o santo não está sendo realizada. Para refletir sobre essa questão, utilizarei a leitura do Ensaio Sobre a Dádiva, de Marcel Mauss (1934), que entende o sistema de prestações e contraprestações que podem ser pagas com ritos e festas, por exemplo.

No caso do bumba-meu-boi, o pagamento de promessa, por uma graça alcançada, concedida pelo santo e, em troca, o seu devoto oferece uma festa de bumba-meu-boi, uma brincadeira de boi. Dessa forma, o Bumba-meu-boi constitui uma contraprestação voluntária no sentido religioso e da boa vontade promovida pela fé, e obrigatória porque o devoto de São João se vê na obrigação de pagar o que prometeu, nisso consiste a obrigação com o santo.

Porém, existe ainda a obrigação com outras entidades como lemanjá, ou entidades de outras matrizes religiosas, como a sereia, por exemplo, a quem fazem oferendas todos os anos durante a madrugada entre 28 e 29 de junho, em que se celebra São Pedro, para pedir proteção, contudo cumprir obrigação.

Dessa forma, o Boi mistura a religiosidade cristã católica com religiões de outras vertentes, como as de matriz africana. Quando questiono em relação a questão espiritual, de matriz africana, por exemplo e qual é a relação do Boi com as coisas sagradas, mestre Castro (2025) responde:

No sagrado. O boi como qualquer outra coisa que ele faz depende muito da parte da pessoa. A ligação você tem. Se fizer uma boiada, você delega.

Você não tem terreiro, não tem. Ela não tem nada, tá? Você tá fazendo uma coisa ali, sem fé, ele está no formato ali de fazer o espetáculo, né, espetáculo. Mas quando você cumpre com seus deveres, prometer, mas prometi vamos fazer sendo uma boiada desse jeito, eu quero rezar, eu quero brincar, eu quero fazer, eu quero fazer a morte do boi, entendeu? Tudo dentro dos detalhes. Então tá em cima da fé. Então a relação para cá, relação do boi com São João, você vai saber a história de São João, a história de Santo Antônio, sabe? Vai, vai tirar detalhe por detalhe, de cada Santo desse, né? O que que tem a ver São João com o boi, o boi é brinquedo de São João, boi é brinquedinho também, ele é o titular. Só que tem a parceria que entraram e englobaram dentro do conteúdo da festa. Aí tem São Pedro, São Marçal, tem Santo Antônio. Entendeu? Aí tem aquele formato todinho de reforçar o poder espiritual, reforçar o poder da fé. São João foi milagroso? São Pedro foi também, você ter fé em um ou mais fé em 3, 4 é o ciclo de fé.

Portanto, ele me respondeu outra coisa, ligada à questão da espetacularização, o que é de suma importância para esse trabalho, uma vez que, deixa-se de cumprir com os rituais, as rezas e as manutenções que são a bases da resistência, da “manutenção da tradição”, tão defendida por dona Benedita Arouche, mas que, como vimos, está sendo revista; precisamos ver essa tradição não como uma manutenção do velho, do antigo, mas como passagem de conhecimentos e ensinamentos da cultura para as gerações mais jovens e para isso é necessário o entendimento de que é necessário trabalhar em comunidade, tendo comunidade como grupo de pessoas com interesses em comum, diante disso, pergunto em entrevista o que o Mestre Castro (2025) pensa em relação à comunidade, ele então responde:

É, eu estou agora com uma frase que ela é nova. Eu sempre digo que a comunidade é a água e o capim do boi. Se não tiver essa água e esse capim numa comunidade, qualquer brincadeira, local de lugarejo, ele não dura muito tempo, por que não tem essa sustentabilidade, porque a comunidade é primordial, um dos principais elementos para uma brincadeira é a comunidade, entendeu?.

A riqueza do depoimento acima está justamente no fato do entrevistado destacar a relevância do bumba-meu-boi para a vida das famílias, e, inclusive para a manutenção da reprodução das relações sociais na comunidade que o Boi de Pindaré forma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisei aspectos relacionados ao Bumba meu boi de Pindaré, procurando, através de observações diretas e entrevistas, realizar uma etnografia dos diferentes momentos rituais, incluindo o *batismo*, *os ensaios*, *a morte do boi*. Esses momentos são marcados por relações que denominei, fundamentada em Max Weber como relações comunitárias, marcadas por redes de solidariedade e reprodução de práticas centradas no repasse de saberes de geração a geração. Observei ainda as apresentações do Bumba meu Boi de Pindaré nos denominadas arraiais, que envolve um público mais amplo, composto por pessoas sem uma relação direta com o boi, a maioria apreciadores ou turistas. O que o trabalho de dissertação demonstra é que juntamente com essas apresentações nos arraiais, articula-se com as outras etapas no sentido de garantir as relações entre os que de fato fazem parte do bumba meu boi.

As relações de mercado não serão analisadas de modo apartado das estratégias utilizadas pelo grupo para manter os rituais de modo a resistir a uma total estandardização e dissolução de aspectos vinculados à tradição em nome de uma inserção no mercado. Mesmo as relações comunitárias, tal qual conceitualizadas por Weber (2004), não podem ser observadas de modo puro. O grupo elabora estratégias, no sentido de Pierre Bourdieu, como forma de resistência às demandas do Estado em promover a identidade regional a partir da manifestação cultural denominada Bumba meu Boi.

O trabalho não deixa de lado a relação do Bumba Meu Boi de Pindaré com outros grupos, mostrando como o nascimento desse boi vem de desdobramentos do Boi de Viana. Demonstra como a tradição se altera constantemente, mesmo que o discurso e as próprias entrevistas associam a tradição a algo que se mantém. Procurei captar a dinâmica que rege as relações sociais.

O aspecto da resistência está nas práticas que envolvem relações sociais marcadas pelas *promessas*, *rezas*, que envolvem as crenças das famílias, a dimensão espiritual. Não se trata, no entanto, de uma mera reprodução de relações católicas instituídas, ao contrário, as práticas religiosas acompanham as crenças dos brincantes. Deste modo, nos casos em que o brincante pertence aos terreiros, é comum as incorporações – momentos em que os denominados encantados, ou seja,

seres do plano espiritual, entram no corpo do brincante de bumba meu boi. Assisti em diferentes momentos a incorporação de brincantes, principalmente em momentos de grande comoção coletiva, como na Festa de São Pedro, que ocorre no dia 29 de junho, quando todos os bumba-meu-bois do Maranhão se encontram no bairro da Madre de Deus.

Não deixei de lado o histórico do bumba-meu-boi, trabalhando depoimentos de agentes sociais que acompanham por longo período esse bumba meu boi que é um dos mais antigos do Maranhão. E ainda trabalhei a trajetória dos chamados *amos*, pessoas centrais na condução dos rituais. Com relação aos *amos* procurei, através das entrevistas, saber sobre a trajetórias de alguns *amos* que já morreram, mas que continuam sendo referência para aqueles que compõem o bumba meu boi.

O presente trabalho analisa a relação do Bumba meu boi de Pindaré com o poder público com ênfase nas formas de resistência, principalmente em relação à inserção no mercado. E ainda como os atos de estado para serem viabilizados, promovem uma série de institucionalizações que obrigam aqueles que vivenciam as relações cotidianas com o boi, a criarem associações, concorrer a editais para apresentações nos arraiais e mudar a sua própria dinâmica de existência.

Esse se constitui em uma análise inicial com possibilidades de desdobramentos, enfatizando e detalhando com mais vagar a questão da criação da Associação, assim como o processo de construção da ideia do bumba-meu-boi como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Esse investimento reflexivo, que pretendo desenvolver, exigiria discutir aspectos ligados à patrimonialização e sua relação com os saberes. Com relação à patrimonialização destaco o trabalho do sociólogo francês Jean Baudrillard (1991) com estudos aprofundados sobre temas que relacionam a cultura à relação com o Estado; assim como o próprio Said (2003), que possui contribuições nessas áreas, ao considerar a cultura como resistência.

Essas são possibilidades futuras, de diálogo com autores que preciso aprofundar as leituras para ampliar minhas possibilidades interpretativas sobre o Boi de Pindaré.

O trabalho dissertativo apresenta, ao final, um caderno fotográfico do Bumba-meu-boi de Pindaré, isso para que o leitor possa visualizar a riqueza dessa manifestação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos arquivos da amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8; Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Povos e comunidades tradicionais**. Manaus: PNCSA/UEA, 2013. p.157-173.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO NETO, Américo. **O Bumba-meu-boi no Maranhão (1983)**. São Luís, Editora Pitomba, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. *In*: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BORRALHO, Tácito Freire. **Os elementos animados do Bumba meu boi do Maranhão**. São Luís: Editora UEMA, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1991.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Uma invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. *In*: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. *In*: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, DIFEL, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500–1800. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERREIRA, Carla. Negociação e conflitos nos palcos do bumba boi de zabumba em São Luís. *In*: MARTINS, C.; CANTANHEDE, A.; GAIOSO, A.; ARAUJO, H. (org.). **Insurreição de saberes**: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais. São Luís: PNCSA, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. *In*. FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade** [1992]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.

LIMA, Zelinda (org.). **Memória de velhos - depoimentos**: memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: CMF/SECMA, 2008. p. 71-88.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANHÃES, Juliana Bittencourt. O ridículo e o sagrado do cazumba: uma performance do avesso. *In*: CONGRESSO DA ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 5., 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: ABRACE, 2009.

MARTINS, Carolina. **Bumba meu boi e festas populares na ilha do Maranhão**: entre negociação e conflito (1885-1920). 2020. 327f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

MARTINS, Carolina. **Política e cultura nas histórias do bumba meu boi no Maranhão**. Teresina: Ed Cancioneiro, 2015.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003 [1934].

NEPUMOCENO, Ítala Tuanny Rodrigues. “Trabalho de campo e ‘estudos de comunidades’: debates antropológicos pós-II Guerra Mundial”. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). **Antropologia e colonialismo**: etnografias periféricas em Moçambique, Quênia, Sudão e Brasil. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2021. p. 37-68.

NUNES, Izaurina. **Bumba meu boi do Maranhão**: patrimônio cultural do Brasil. São Luís: IPHAN/MA, 2012.

POLLAK, Michael. “**Memória e Identidade Social**”. *In*: POLLAK, Michael. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV, 1992, p. 200-212. v. V, n. 10.

PRADO, Regina Paula dos Santos. **Todo ano tem**: as festas na estrutura social camponesa. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997.

SAID, Edward W. **Cultura e resistência**: entrevistas e conferências. Organização e introdução de David Barsamian. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Daniel. LEAL, Gláucia. **Um breve estudo sobre memória e identidade no Boi de Maracanã e Boi de Pindaré em São Luís do Maranhão**. In: IX Congresso Internacional sobre Culturas: Diálogos por uma democracia plural. Minas Gerais, 2023. Comunicação Oral.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 2013.

WEBER, Max. Economia e sociedade. **Relação comunitária e relação associativa**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

Audiovisuais

Boi de Pindaré e seus 65 anos (2025)
<https://www.youtube.com/watch?v=aXuu2scXF7s>

ENTREVISTA BENEDITA AROUCHE - PRESIDENTA BOI DE PINDARÉ
https://www.youtube.com/watch?v=TGv13rcR7_s&t=210s

No lombo do meu boi - Ribamar Mendes
<https://www.youtube.com/watch?v=2GtQi-pKQIQ>

MESTRES E MESTRAS DO PINDARÉ – JOÃO DO SAVIANA
<https://www.youtube.com/watch?v=uYI6HyleQmk>

Editais:

Edital de Credenciamento de atrações juninas 2022

https://cultura.ma.gov.br/uploads/secma/docs/EDITAL_N%C2%BA01.2022_CRED._DE_S%C3%83O_JOAO_2022-_01_.04.22_%282%29_.pdf

Edital de Credenciamento de atrações juninas 2023

https://cultura.ma.gov.br/uploads/secma/docs/EDITAL_DE_CREDENCIAMENTO_S%C3%83O_JO%C3%83O_-_29.03.23.pdf?_gl=1*au3ju4*_ga*MjE0MzI0MzkzLjE3Nj

UyMDg3MDg.*_ga_43WSLQF7SQ*czE3NjUyMDg3MDgkbzEkZzEkdDE3NjUyMDg5
NTgkajYwJGwwJGgw

Edital de Credenciamento de atrações juninas 2024

https://cultura.ma.gov.br/uploads/secma/docs/EDITAL_N.03_-_CREDENCIAMENTO_CULTURAL_2024_-_Ciclo_Junino_.pdf

Edital de Credenciamento de atrações juninas 2025

https://cultura.ma.gov.br/uploads/secma/docs/3._EDITAL_-_CREDENCIAMENTO_CULTURAL_2025_-_Ciclo_Junino_.pdf

APÊNDICE A - CADERNO FOTOGRÁFICO



Fotografia 1: Imagem de João Cância, primeiro *amo* e fundador do Boi de Pindaré produzida pelo artista plástico Gil Leros, no âmbito do projeto “*amo*, poeta e cantador”, que tem o intuito de homenagear os Poetas e Cantadores do Bumba-meu-boi do Maranhão, e está disposta no muro da fachada da sede do Boi, no Bairro de Fátima. Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 2: Atuais *amos* do Boi de Pindaré, mestre Hermínio Castro e mestre do João do Sá Viana, em apresentação no Arraial de Santo Antônio, localizado no centro de São Luís, Maranhão, em junho de 2023.

Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 3: Cantadores reunidos no dia 29 de junho de 2024, tirando toadas e descendo a rua, no bairro da Madre Deus, rumo à Capela de São Pedro.
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 4: Cantadores Bigode, João do Sá Viana e Hermínio Castro reunidos na descida das ruas da Madre Deus para o Largo da Capela de São Pedro, no dia 29 de junho de 2024.
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 5: Cazumbas no local de concentração do Boi de Pindaré antes de descer as ruas da Madre Deus, rumo à Capela de São Pedro. Com suas batas bordadas com imagens de igrejas, pomba da paz/divino, brilhosas e estampadas, carregam enormes caretas que representam espíritos e animais; na história do Bumba, os cazumbas representam entidades responsáveis por perturbar os sonhos de Pai Francisco, quando está fugindo do *amo*/dono da fazenda, de quem sua esposa quer comer a língua do boi.

Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 6: Crianças do batuque do Boi de Pindaré aquecendo os tambores no calor da fogueira, essa técnica é utilizada para afinar os pandeirões de couro. Essa imagem faz lembrar uma fala importante de seu Nato (chefe dos batuqueiros) sobre a importância de ensinar as crianças: “Nunca se deve subestimar o poder do toque de uma criança, pois amanhã ele pode se tornar um grande batuqueiro”.

Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 7: Cazumba criança descansando na calçada depois de uma noite de boiadas, exausto repousa sobre a sua careta, junho de 2023.
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 8: Seu Hermínio Castro na Praça Deodoro, no dia da apresentação do Boi de Pindaré no pátio do Sesc Deodoro, em maio de 2025. De força valente
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 9: *“Sou índio guerreiro, valente e defensor, na minha aldeia sou cacique, onde chego eu mostro meu valor, bato no peito e digo sou Pindaré, sou sim senhor”* (toada do amo João do Sá Viana). Na imagem: Pedro, chefe da tribo de índios do Boi de Pindaré, no local onde os brincantes se concentram todos os anos, localizado atrás do cemitério do Gavião, antes de descerem a ladeira para a capela de São Pedro. Junho de 2024.

Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 10: Mais que uma chama, um ritual: o fogo que aquece os tambores é o mesmo que acolhe os batuqueiros do Boi de Pindaré. No dia de São Pedro, na Madre Deus, o círculo em torno das chamas une o sagrado e o profano, preparando não só o couro dos pandeiros, mas também o espírito para a celebração. (29 de junho de 2025)
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 11: Preparação para o espetáculo: em junho de 2024, na praça Maria Aragão, batuqueiros aquecem os pandeiros de couro que marcarão o ritmo da apresentação do Boi de Pindaré.
Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 12: Na véspera do dia de São João, 23 de junho de 2025; os brincantes prestam homenagem ao santo junino e ao boi batizado. Momento de fé e tradição, que antecede o batizado, é um ritual para garantir uma boa temporada de festas. *Batizou, batizou, Boi de Pindaré batizou*, entoam os *amos* e cantadores depois do ritual.
Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 13: A careta do Cazumba "Bulão", hoje falecido, é a maior e mais adornada de todas, carrega a história e a saudade de seu antigo dono. Após um período aposentada, ela retorna aos folguedos, e seu peso físico e emocional é suportado por brincantes que, mesmo exaustos durante as apresentações, fazem esse sacrifício para honrar a tradição e a memória que ela representa.
Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 14: Em plena performance, um brincante do Boi de Pindaré se entrega à dança. Com seu pesado chapéu adornado de canutilhos, penas de ema e longas fitas coloridas, ele marca o ritmo com a matraca e o semblante profundamente concentrado nas toadas que guiam sua apresentação.
Fonte: Gláucia Leal



Fotografia 15: Momento ritual do Bumba-meu-boi em São Luís: um índio conduz a figura do Boi na saída da Casa das Minas, no bairro da Madre Deus. O cortejo, seguido por uma multidão, representa o recebimento de bênçãos das entidades, em uma tradição que mantém viva a cultura e a espiritualidade maranhenses.

Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 16: No dia 29 de junho, um ato final de devoção, o Boi de Pindaré e sua tribo sobem a ladeira rumo ao Largo da Capela de São Pedro. Sendo o último grupo a subir a escadaria, este momento solene consagra o pagamento de promessas e a fé da comunidade ao santo protetor dos pescadores, finalizando a festa em uma tradição ancestral.

Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 17: O corte dos bolos no terceiro dia do ritual de morte do boi: um gesto que encerra a temporada junina. Confeccionados a partir de doações de simpatizantes do Boi de Pindaré, sua distribuição simboliza a comunhão e o agradecimento à comunidade após o ciclo de celebrações, marcando o fim da grande festa do bumba-meu-boi.

Fonte: Gláucia Leal.



Fotografia 18: Momento ritual de morte do boi: a quebra do mourão. Após ser buscado e erguido pelo grupo, o mourão — doado por um membro da comunidade — é derrubado, liberando uma chuva de presentes para as crianças e pessoas do Bairro de Fátima. Este ato simboliza a partilha e a integração do boi com toda a comunidade do Bairro de Fátima.
Fonte: Gláucia Leal.